

# AUTORES & LIVROS

Ano IX  
Número de 1949

Diretor e redator: MUCIO LEAO.  
Gerente: LEONARDO MARQUES.  
Secretário: SERGIO R. VELLOZO.  
P R E C O : — Crs 3.00

Nº 11  
Vol. X

## Notícia sobre Joaquim Nabuco

Nascido Joaquim Aurelio Barreto Nabuco de Araújo no Recife, Pernambuco, à rua Atílio da Boa Vista, n.º 39 às 8.30 da manhã de 19 de agosto de 1849, era filho do Dr. José Tomás Nabuco de Araújo e de sua esposa, d. Ana Benigna Barreto Nabuco de Araújo, sobrinha do marquês de Olinda, o morgado do Cabo, Francisco Pais Barreto. Entre os seus ascendentes maternos destaca-se a figura de João Paes Barreto, fundador do mesmo morgado em 1860. Foi homem de raras virtudes e caridade exemplar. E seu nome figura no "Agiólogio Litúrgico".

Quanto à sua família paterna, estabelecer-se-ia ela no Brasil desde os meados do século XVIII. Já na Constituinte do Império brilhava o nome Nabuco, representado na pessoa do charmeiro José Joaquim, Barão de Itapoa, que foi depois senador do Pará. Era seu bisavô de Joaquim Nabuco. A 8 de Dezembro do mesmo ano de 1849 foi batizado na capela do Engenho Massangana, tendo como padrinhos Joaquim Aurelio de Carvalho e sua esposa D. Ana Rosa, donos dessa propriedade.

Nesse engenho, com pequenos intervalos de estada em casa de seu pai, quando este, nas férias parlamentares, via o Recife, Joaquim Nabuco permaneceu até o falecimento da madrinha, em 1857. D. Ana Rosa tem pelo pequeno uma ternura material. E deixa extravar esse sentimento nas cartas que escreve aos pais do menino: "E das obras de misericórdia cartigas os que erram. Mas o menino não quer..." — assim conta ela ao senador Nabuco. Em Massangana é que Nabuco tem nos 8 anos de idade o encontro com o sofrimento e a miséria da escravidão, personificadas no vulto daquele escravo fugido, que abraçava os seu joelhos de criança, implorando a sua proteção para que o degredado não fosse condenado a voltar ao domínio de um mau senhor. E desse dia, pode dizer-se, que começa a sua radicada vocação de abolicionista.

Maria, a madrinha, Nabuco veio para o Rio, para a casa paterna. E matriculando-se num colégio em Friburgo, tem como professor o Barão de Trujillo. O velho sábio ficou encantado com o seu novo aluno. Sobre ele escreve ao Dr. Nabuco de Araújo: "O Joaquim é um talento transcendente e fora de linha; nunca viu outro aluno de tanta inteligência".

Completo os estudos no Pedro II, é, bacharel em letras em 1865, segue para São Paulo, onde fez os três primeiros anos de Direito. Não tardou em ser eleito presidente do Ateneu Paulistano, sociedade dos estudantes. Rui Barbosa é o segundo orador desse centro. O primeiro orador é um rapaz chamado Moreira.

E a esse tempo que, na capital paulista, inicia suas atividades de imprensa: funda a *Tríbuna Liberal* e a *Independência*; colabora no *Pórtega de Salvador* de Mendonça. No ano de 1868 estão juntos, cursando o 3º ano da Faculdade,

Nabuco, Rui e Castro Alves, e mais Rodrigues Alves e Afonso Pena.

Nabuco, porém, vai concluir o curso no Recife: deixando São Paulo, Rui o substitui na presidência do Ateneu; o novo orador eleito é Castro Alves.

Em 1870 — pertencendo a uma turma em que também se diplomaram Gaspar de Drumond, Herculano Bandeira, José Miriano, Meira de Vasconcelos, Sanches de Barros Pimentel e Ulisses Viana — forma-se em Direito. Colabora então na *Reforma* (do Rio de Janeiro). Já a esse tempo, transparecem seus sentimentos de entusiasmo do Abolicionismo.

A seu pai escreve, quando se falava em que ele subira ao governo, em 1871: "Há uma glória única que eu sonho para V. M. neste país. Quero que seu nome esteja abaixo do decreto que acabar com a escravidão. Se V. M. for chamado ao ministério, aceite-o por dois dias para 'dramatizatoriamente' extinguí-la."

Nesse mesmo ano de 1871, já bacharel, entra para o escritório de advogado do seu pai. Mas a sua passagem é curta. "Numas das primeiras causas de que se encarregava, conta a Carolina Nabuco, e pela qual se vinha interessando, ele estava já perante o juiz, só então teve conhecimento de um fato que mudava o aspecto do caso. Seu cliente lhe havia escondido que existiu um herdeiro reconhecido para o legado que reclamava; uma criança morreu minutos depois do nascimento e cujos direitos passavam à mãe. O jovem advogado, sem se preocupar com a assistência declarou ao seu constituinte que ele o havia iludido e que a reclamação era injusta. Foi dalli dizer ao seu pai que a carreira não lhe convinha.

Em 1875, escreve no *"Globo"*, onde agride José de Alencar a propósito do drama "O Jejuin". O grande escritor, genio suscetível e irritadiço — respondeu ao panfletário adolescente. Nesse mesmo ano, já estreitamente ligado a Machado de Assis, funda, com o grande romancista, a revista *A Epoca*.

No ano seguinte é nomeado adido de legação em Washington. Ali conhece o Barão de Carvalho Borges, o nosso ministro, "que tem encantamento de lhe dar ofícios para copiar". No seu diário, há muitas impressões desse tempo. E interessante citar esta máxima sobre o casamento: "Casar é criar raízes; e o que tem raízes, como toda a árvore, vegeta".

E seu companheiro nos Estados Unidos, Saldanha da Gama. Mais tarde, quando Articulam planos de reimplantação da Monarquia, Nabuco chama o seu amigo "Duque de Saldanha".

Em 1878, depois da morte do pai, foi apresentado candidato à deputação por Pernambuco. Ali, num "meeting" acadêmico, lança um programa que era um desafio: "a grande questão para a democracia brasileira não é a monarquia, é a escravidão" e a frase provocou o principal incidente dessa faculdade campanha conduzida pelo partido. Quando se viu pateado por

motivo dessa declaração no mesmo teatro Santa Izabel, que seria o cenário de tantos dos seus triunfos, provocou conscientemente e com deleite o prazer do orador que, no meio da tempestade, e "anteve que estes que o injuriaram naquele momento estarão com ele no dia imediato".

Nesse ano, antes de ir para a Câmara, tem, pela segunda vez, febre tifoide. É muito fraco, quase convalescente ainda, da moléstia, que pronuncia, na Câmara, o seu primeiro discurso, defendendo a elegibilidade dos não católicos. Nesse discurso tem estas palavras: "o direito da minoria, o direito de um só, em relação à sua religião, é tão perfeito e completo como o direito de todos".

Sua eloquência, a esse tempo, é cheia de reminiscência literária e mitológicas. Afonso Celso, o futuro visconde de Oliveira, seu deputado por Pernambuco para deixar em mãos Schiller, Carlos V, Felipe II, Gambetta, moeres ou vivos... para tratar somente do objeto em discussão."

E em 1889 que começa a grande luta do abolicionismo. Nos "meetings" que se realizam, então, André Rebouças e José do Patrocínio varrem à última hora, o palco e os cartões do teatro, com o público a esperar.

No fim desse ano, Nabuco parte para a Europa. Na passagem por Lisboa, apareceu na galeria diplomática da Câmara dos Deputados. Ao vê-lo, Antônio Cândido propôs, que fosse dispensado o regimento e que se introduzisse no recinto o deputado brasileiro.

Na renovação da Câmara, no ano seguinte, é excluído pelas suas idéias liberais. Foi a única legislatura do Império em que não figurou o nome dos Nabucos de Araújo, representados, desde a independência até à República, no parlamento brasileiro. Nabuco aproveita esse descalço para escrever o seu livro "O abolicionista". E colabora com artigos numerosos para o *Jornal do Comércio*. E nas colunas desse orçio que ele, Rui, Guinão Lobo, Rodolfo Dantas, Carlos Pimentel, fazem a defesa do Ministério Dantas, em artigos que assinam com pseudônimos britânicos: Garrison, Grey, Clarkson, Chatham, Wilberforce, Buxton.

Não tarda a assomar a outra tribuna jornalística: a do *Pais*. E de 1884 a fundação dessa folha, que princípio teve como diretor Rui Barbosa e depois Quintino Bocaiuva; ali fez Nabuco, ao lado de Joaquim Serraria e de outros, a sua campanha pelo Abolicionismo.

Em 1885, depois de notabilíssima campanha em Pernambuco, volta à Câmara sob uma chuva de flores. Nesse ano inicia uma nova luta, que esperava se firmar com tanto entusiasmo quanto o da abolição — e a da "federação das províncias" causa também desposta pelo seu amigo Rui Barbosa. Com uma diferença, porém, acentuada pelo próprio Nabuco: a de que ele permaneceria monarquista dentro da

(Continua na página 132)



Busto de Joaquim Nabuco. Trabalho do escultor Henrique Peçanha, para a Faculdade Nacional de Filosofia.

## SUMÁRIO

- PAG. 121:  
— Notícia sobre Joaquim Nabuco.
- Nota a este número de "Autores e Livros".
- PAG. 122, 123, 124, 125 e 126:  
— Atividades jornalísticas de Joaquim Nabuco. Conferência pronunciada no Instituto Histórico por Mucio Leão.
- PAG. 127 e 128:  
— Biografia de Joaquim Nabuco.
- PAG. 133:  
— Um documento precioso para

## Nota a este número de "Autores e Livros"

O nosso fascículo de hoje, é o Pedro II, o Ministério da Educação, a Federação das Academias de Letras, a Academia de Medicina, os Institutos Históricos e as Academias de Letras dos Estados, a Faculdade de Direito do Recife, a Faculdade de Direito de São Paulo e o Instituto da Ordem dos Advogados desta capital...

E que, como o presente fascículo, "Autores e Livros" quis prestar sua homenagem a Joaquim Nabuco, o grande escritor e o grande homem, cujo centenário de nascimento, gloriosamente comemorado pelo país todo, transcorreu a 19 de agosto.

A contribuição que o Brasil inteiro, através da palavra dos seus vultos mais representativos, no pensamento e nas letras, deu para a celebração do centenário do autor de *Mina Formação* foi ampla, erudita, substancial, e não nos lembra de outro centenário que tenha merecido a historiadora a crítica, a biografias e a ensaios, tantos trabalhos, de todos os erudições e de gosto.

O Instituto Histórico levou a realização um curro de conferências excelentes, de cada uma das quais poderíamos dizer, sem exagero, ser uma página à altura de Nabuco.

A Academia Brasileira de Letras assistiu também a uma conferência acerca do escritor, e abriu o seu salão, na noite de 19 de Agosto, para uma sessão solene, na qual o sr. Levi Carneiro, atual ocupante da cadeira criada por Joaquim Nabuco, pronunciou o discurso oficial das comemorações. Igualmente celebraram Nabuco o Hamarati

(Continua na página 132)

# ATIVIDADES JORNALÍSTICAS DE JOAQUIM NABUCO

## UM ORADOR QUE SE FAZ JORNALISTA

Para Joaquim Nabuco, o jornal resumiu-se a um instrumento secundário de trabalho e de propaganda. Seu grande instrumento de ação público, aquele por força do qual conduziu suas idéias no coração do povo, deles impregnando a consciência das multidões, é a palavra. É pela oratória, no Parlamento, nos teatros, nos encontros da praça pública, que ele se mostra o campeão inflexível da idéia do Abolicionismo, que leva esse ideal até a vitória mais luminosa. Nos intervalos da ação oratória, porém, toda a vez que a ação pode exercer, recorre ele para o jornalismo.

E assim que, depois dos encontros quase infantis dos seus dias de estudante e de bacharel recente-formado, ainda cheio dos aulaulas acadêmicos, o vemos tomar o rumo definitivo, o da ação pela oratória; e no regressar à jornalismo quando isso lhe parecer imprescindível, como um complemento da ação parlamentar.

E ainda assim, será inspirado por um motivo de ideal, por um pensamento forte, que esteja no fundo do seu coração... Sua coluna jornalística até 1889 só tem uma finalidade: difundir o anseio abolicionista, defendê-lo de qualquer forma, mesmo que seja nas entrelinhas de uma crônica aparentemente sólida literária. A partir de 1889, seu jornalismo só tem um intuito: defender a Monarquia, exaltar-lhe os incomparáveis méritos, embora não parre odiá-la, como o fazia Carlos de Laet, por exemplo, com nenhuma possibilidade de restauração imediata.

## AS ESTRELAS EM S. PAULO

Foi em São Paulo, em 1867, quando cursava o segundo ano de Direito, que Joaquim Nabuco iniciou as suas atividades jornalísticas. E' daquele ano a folha que fundou, a *Tribuna Liberal*, na qual tomou o encargo dos artigos de fundo. Só seus companheiros, nesse empreendimento, Salvador de Mendonça, Ferreira Braga, Leônio de Carvalho, Martim Cabral, Monteiro de Barros, Ferreira Campos e Clímaco Cézario.

Não tarda, a companhia infeliz a sua dispersão: — Salvador de Mendonça retira-se, para ir fundar, com Ferreira de Melo, o *Imprensa*.

No ano seguinte, vemos Nabuco realizar outra tentativa jornalística — a fundação da *Independência* — onde tem a companhia de Castro Alves, Rui Barbosa, Martim Cabral, Carvalho Moreira, Pimenta Bueno e outros. Esse novo jornal apresenta um programa audacioso: pretende desenvolver o progresso real no país, mediante a instrução para todos, mediante a liberdade para todas as crenças, mediante a garantia do voto, mediante o sufrágio universal, mediante a responsabilidade dos ministros... Inscreve em seu programa outras iniciativas avançadas: a doação da imigração, a defesa do casamento civil...

Só, evidentemente, idéias que só pode acalentar um espírito republicano. E' por isso que, mais tarde, ao analisar a marcha das suas convicções políticas, Nabuco vai mostrar-nos que a sua evolução foi feita num rumo sempre favorável à tradição, no sentido do liberalismo para o conservadorismo, no sentido da República para a Monarquia.

Como era natural, um tal programa encerrava o dever de combater o governo. E era o que Nabuco fazia, erguendo a sua pena contra Zácaras, o chefe à quem entretanto o senador Nabuco de Arturinho prestava todo apoio. O senador

via os artigos do filho, e, embora não achasse neles nada de mais grave, contudo escrevia ao rapaz dando-lhe manuscritos conselhos: que ele estava gastando muito tempo, e um tempo precioso, com essas colunas judiciais de jornal; que era muito melhor que tratasse de estudar os seus juristas e os seus praticistas... Mas o jovem Nabuco era demasiado cioso de sua independência de homem

## MUCIO LEÃO

e Tito Franco, Silveira Martins e Joaquim Manuel de Macedo, Lafayette e Varnhagen, Bernardo Guimarães e Vale Cabral, Teófilo Ottoni e Benedito Ottoni, Homem de Melo, e tantos outros.

A esse jornal dá Nabuco o entusiasmo de sua mocidade em flor. Estreava-se em colunas

que ele recolheu depois, no livro intitulado *O Partido Ultramontano*.

Os dias passam, muitos e longos, e Nabuco, já com a seriedade da idade madura, voltaria a contemplar esses trabalhos de uma hora de ardor e de combate... Reafirma, então, seus anseios de liberdade, fazendo varar que a Igreja — sobretudo depois da esplêndida lição do pontificado de Leão XIII — terá de ganhar com a liberdade. Parece-lhe hora de qualquer dúvida que o futuro do mundo pode pertencer "à aliança já selada no atual pontificado da Igreja Católica com a Democracia".

E essa — parece-nos hoje — uma linguagem capaz de ser entendida pelos melhores espíritos religiosos. E' ela que vemos influenciada o coração desses católicos inteligentes e práticos, que sabem que a Igreja tem o principal segredo de sua eternidade na possibilidade das suas infinitas adaptações às novas condições de vida que o mundo vai apresentando.

Numa corrente de idéias, porém, Nabuco, no entrelace, faz um recuo: e no terreno do combate à religião católica. "Do que preciso falar renúncia em favor das trazas que os consumiram (diz-nos ele, num dos exames de consciência que encontramos em *Minha Formação*) e de tudo o que nesses opúsculos escrevi em espírito de antagonismo à religião, com a mais soberba incompreensão de seu papel e da necessidade, superior a qualquer outra, de aumentar a sua influência, a sua ação formativa, reparadora, em todo caso consolidadora, em nossa vida pública e em nossos costumes nacionais, no fundo transmissível da sociedade."

Esse período da *Reforma* revela, por outro lado, a nítida evolução que se processou no espírito de Nabuco: a evolução da tendência republicana, que ele trouxe de São Paulo, para a grande inspiração de admiração e amor pela Monarquia que de ora em diante, e já sem mais interrupção, sera a sua.

Em 1871, com efeito, ele aconselha o Imperador a ir à Juventude Americana em vez de ir à Velha Europa. E por que? Porque, indo aos Estados Unidos, vendo o grande país à frente do progresso industrial e moral, compreenderia que os reis podem ser uma hipótese, um luxo, uma superfície... "Ao ver... esse poder que passa de um soldado para um levadoura, para um naiate, sempre o mesmo, integral e perfeito, ele, guardando o amor da família, que cresceria, porque já não era a dinastia, perderia o culto da hereditariade..." Dois anos depois, sua linguagem já é outra, e bem outra. Ele recebeu, no intervalo, o influxo de seu mestre Bagshot, e agora é assim que fala: "E' preciso realmente ser iludido, ou pelas palavras ou pelos símbolos, para chamar ao rei do sistema parlamentar um tirano. Nem mesmo pode comparar-se um Lincoln com uma Vitoria; o Presidente americano governa, administra, tem a sua disposição milhares de empregos públicos, é o chefe de seu partido, tem uma responsabilidade intensa no governo e uma iniciativa poderosa; pode ser um Washington ou, se quiser, um Johnson. O soberano inglês não tem poder algum; o parlamento indica-lhe o ministro que ele chama, não podendo chamar outro; esse ministro imposto torna-se o chefe do Estado, apresenta as leis a que o soberano não pode negar sanção, e dissolve a câmara se ela lhe retém a confiança; e quando o ministro governa, o rei somente reina. Não terá esse tirano inglês muito menos, poder do que o primeiro magistrado americano?"

O ANO DE 1875. O GLOBO

O ano de 1875 assimila o segundo grande contacto de Nabuco com o público carioca, através de colunas jornalísticas. E' então que se inicia a sua colaboração no *Globo*; é então que ele funda com Machado de Assis a sua revista *A Foice*.

A coluna que mantém no *Globo* é a mais literária de quantas em qualquer tempo criou. Tinha ele feito a primeira viagem nos países civilizados, tinha visitado Paris e Roma, e trazia os olhos cheios do deslumbramento das coisas belas e ilustres que contemplava. Foi no correr dessa viagem que teve ocasião de aproximar-se de George Sand, já velha, que lhe escrevia cartas impregnadas de tanto carinho e de tanta ternura. Tivera a felicidade de ser recebido em uma audiência particular por seu mestre anadissimo, Renan, e em outra por Pio IX. Podia dizer, assim, que estivera com os dois chefes espirituais do mundo — o papa verdadeiro, o sucessor de São Pedro, o emissário da palavra de Cristo, e o papa inicô, o sutil e doce heresiarca, o que dirigia os corações e as inteligências que sofreram nos purgatórios da dívida.

Ao regressar ao Brasil, tratando esses deslumbramentos, D. Pedro II deve, a esse tempo, ter trocado impressões com ele, porque o convidou para fazer uma série de conferências acerca do que via e estudava na Europa. E' assim que nascem as suas conferências acerca de Miguel Angel e Rafael, e dos pintores venezianos.

E, pois, desse ano, a sua colaboração no *Globo*.

Nabuco assume, nessa folha, uma coluna dominical, e nela, através de estirados rodapés sobre assuntos de literatura e de arte, escreve ensaios que José Veríssimo compara aos *Lundis de Sainte-Beuve*. E, realmente, aquela é uma grande fase de crítico, e não compreendemos como os editores do escritor não se lembraram ainda de reunir em volume tais trabalhos.

## A POLEMICA COM JOSE DE ALENCAR

E pelas colunas do *Globo* que ele trava a mais viva da sua polêmica literária, a polêmica com José de Alencar.

Foi encenado no Teatro São Luiz o drama *O Jesuíta*, da autoria do romancista. A nota do *Globo* registra a representação do drama "do festejado e mimoso escritor", e, embora não me pareça de todo perniciosa, embora não me pareça unanimemente inspirada no espírito de negação dos méritos do dramaturgo, fiz duas observações destinadas a ferir no mais profundo o coração de Alencar: a primeira era dizer que na noite da representação o teatro estava às moscas; a segunda era fazer ver que o drama fóra escrito havia 14 anos, e assim mesmo representado. As notas de outros jornais coincidem em observações do mesmo teor. Alencar indignou-se com tais críticas, e escreveu uma série de artigos para o *Globo*, nos quais deixou transparecer seus sentimentos. "Uma obra escrita por um brasileiro que não é maestro nem caro; um drama cujo pensamento foi a glorificação da inteligência e a incarnação das primeiras aspirações da independência desta pátria repudiada; semelhante produção era em verdade um escárneo atirado à face da pátria fluminense." Alonga-se no exame das qualidades do seu drama, procurando demonstrar que não é um fracasso, como asseguraram os seus detratores...

Em data de 3 de outubro, Nabuco vem a público, com um artigo assinado, e reafirma as críticas iniciais do *Globo*. Em um dos trechos do seu artigo — trecho, aliás, revelador — um mau gosto insultado no final e harmonioso escritor que ele

*JOAQUIM NABUCO*  
Da *Academia Brasileira de Letras*  
e Instituto Histórico e Geográfico

## MINHA FORMAÇÃO

H. GARNIER, LIVREIRO EDITOR

11. 1900. 1901. 1902. 1903. 1904. 1905. 1906. 1907. 1908. 1909. 1910. 1911. 1912. 1913. 1914. 1915. 1916. 1917. 1918. 1919. 1920. 1921. 1922. 1923. 1924. 1925. 1926. 1927. 1928. 1929. 1930. 1931. 1932. 1933. 1934. 1935. 1936. 1937. 1938. 1939. 1940. 1941. 1942. 1943. 1944. 1945. 1946. 1947. 1948. 1949. 1950. 1951. 1952. 1953. 1954. 1955. 1956. 1957. 1958. 1959. 1960. 1961. 1962. 1963. 1964. 1965. 1966. 1967. 1968. 1969. 1970. 1971. 1972. 1973. 1974. 1975. 1976. 1977. 1978. 1979. 1980. 1981. 1982. 1983. 1984. 1985. 1986. 1987. 1988. 1989. 1990. 1991. 1992. 1993. 1994. 1995. 1996. 1997. 1998. 1999. 2000. 2001. 2002. 2003. 2004. 2005. 2006. 2007. 2008. 2009. 2010. 2011. 2012. 2013. 2014. 2015. 2016. 2017. 2018. 2019. 2020. 2021. 2022. 2023. 2024. 2025. 2026. 2027. 2028. 2029. 2030. 2031. 2032. 2033. 2034. 2035. 2036. 2037. 2038. 2039. 2040. 2041. 2042. 2043. 2044. 2045. 2046. 2047. 2048. 2049. 2050. 2051. 2052. 2053. 2054. 2055. 2056. 2057. 2058. 2059. 2060. 2061. 2062. 2063. 2064. 2065. 2066. 2067. 2068. 2069. 2070. 2071. 2072. 2073. 2074. 2075. 2076. 2077. 2078. 2079. 2080. 2081. 2082. 2083. 2084. 2085. 2086. 2087. 2088. 2089. 2090. 2091. 2092. 2093. 2094. 2095. 2096. 2097. 2098. 2099. 2010. 2011. 2012. 2013. 2014. 2015. 2016. 2017. 2018. 2019. 2020. 2021. 2022. 2023. 2024. 2025. 2026. 2027. 2028. 2029. 2030. 2031. 2032. 2033. 2034. 2035. 2036. 2037. 2038. 2039. 2040. 2041. 2042. 2043. 2044. 2045. 2046. 2047. 2048. 2049. 2050. 2051. 2052. 2053. 2054. 2055. 2056. 2057. 2058. 2059. 2060. 2061. 2062. 2063. 2064. 2065. 2066. 2067. 2068. 2069. 2070. 2071. 2072. 2073. 2074. 2075. 2076. 2077. 2078. 2079. 2080. 2081. 2082. 2083. 2084. 2085. 2086. 2087. 2088. 2089. 2090. 2091. 2092. 2093. 2094. 2095. 2096. 2097. 2098. 2099. 2010. 2011. 2012. 2013. 2014. 2015. 2016. 2017. 2018. 2019. 2020. 2021. 2022. 2023. 2024. 2025. 2026. 2027. 2028. 2029. 2030. 2031. 2032. 2033. 2034. 2035. 2036. 2037. 2038. 2039. 2040. 2041. 2042. 2043. 2044. 2045. 2046. 2047. 2048. 2049. 2050. 2051. 2052. 2053. 2054. 2055. 2056. 2057. 2058. 2059. 2060. 2061. 2062. 2063. 2064. 2065. 2066. 2067. 2068. 2069. 2070. 2071. 2072. 2073. 2074. 2075. 2076. 2077. 2078. 2079. 2080. 2081. 2082. 2083. 2084. 2085. 2086. 2087. 2088. 2089. 2090. 2091. 2092. 2093. 2094. 2095. 2096. 2097. 2098. 2099. 2010. 2011. 2012. 2013. 2014. 2015. 2016. 2017. 2018. 2019. 2020. 2021. 2022. 2023. 2024. 2025. 2026. 2027. 2028. 2029. 2030. 2031. 2032. 2033. 2034. 2035. 2036. 2037. 2038. 2039. 2040. 2041. 2042. 2043. 2044. 2045. 2046. 2047. 2048. 2049. 2050. 2051. 2052. 2053. 2054. 2055. 2056. 2057. 2058. 2059. 2060. 2061. 2062. 2063. 2064. 2065. 2066. 2067. 2068. 2069. 2070. 2071. 2072. 2073. 2074. 2075. 2076. 2077. 2078. 2079. 2080. 2081. 2082. 2083. 2084. 2085. 2086. 2087. 2088. 2089. 2090. 2091. 2092. 2093. 2094. 2095. 2096. 2097. 2098. 2099. 2010. 2011. 2012. 2013. 2014. 2015. 2016. 2017. 2018. 2019. 2020. 2021. 2022. 2023. 2024. 2025. 2026. 2027. 2028. 2029. 2030. 2031. 2032. 2033. 2034. 2035. 2036. 2037. 2038. 2039. 2040. 2041. 2042. 2043. 2044. 2045. 2046. 2047. 2048. 2049. 2050. 2051. 2052. 2053. 2054. 2055. 2056. 2057. 2058. 2059. 2060. 2061. 2062. 2063. 2064. 2065. 2066. 2067. 2068. 2069. 2070. 2071. 2072. 2073. 2074. 2075. 2076. 2077. 2078. 2079. 2080. 2081. 2082. 2083. 2084. 2085. 2086. 2087. 2088. 2089. 2090. 2091. 2092. 2093. 2094. 2095. 2096. 2097. 2098. 2099. 2010. 2011. 2012. 2013. 2014. 2015. 2016. 2017. 2018. 2019. 2020. 2021. 2022. 2023. 2024. 2025. 2026. 2027. 2028. 2029. 2030. 2031. 2032. 2033. 2034. 2035. 2036. 2037. 2038. 2039. 2040. 2041. 2042. 2043. 2044. 2045. 2046. 2047. 2048. 2049. 2050. 2051. 2052. 2053. 2054. 2055. 2056. 2057. 2058. 2059. 2060. 2061. 2062. 2063. 2064. 2065. 2066. 2067. 2068. 2069. 2070. 2071. 2072. 2073. 2074. 2075. 2076. 2077. 2078. 2079. 2080. 2081. 2082. 2083. 2084. 2085. 2086. 2087. 2088. 2089. 2090. 2091. 2092. 2093. 2094. 2095. 2096. 2097. 2098. 2099. 2010. 2011. 2012. 2013. 2014. 2015. 2016. 2017. 2018. 2019. 2020. 2021. 2022. 2023. 2024. 2025. 2026. 2027. 2028. 2029. 2030. 2031. 2032. 2033. 2034. 2035. 2036. 2037. 2038. 2039. 2040. 2041. 2042. 2043. 2044. 2045. 2046. 2047. 2048. 2049. 2050. 2051. 2052. 2053. 2054. 2055. 2056. 2057. 2058. 2059. 2060. 2061. 2062. 2063. 2064. 2065. 2066. 2067. 2068. 2069. 2070. 2071. 2072. 2073. 2074. 2075. 2076. 2077. 2078. 2079. 2080. 2081. 2082. 2083. 2084. 2085. 2086. 2087. 2088. 2089. 2090. 2091. 2092. 2093. 2094. 2095. 2096. 2097. 2098. 2099. 2010. 2011. 2012. 2013. 2014. 2015. 2016. 2017. 2018. 2019. 2020. 2021. 2022. 2023. 2024. 2025. 2026. 2027. 2028. 2029. 2030. 2031. 2032. 2033. 2034. 2035. 2036. 2037. 2038. 2039. 2040. 2041. 2042. 2043. 2044. 2045. 2046. 2047. 2048. 2049. 2050. 2051. 2052. 2053. 2054. 2055. 2056. 2057. 2058. 2059. 2060. 2061. 2062. 2063. 2064. 2065. 2066. 2067. 2068. 2069. 2070. 2071. 2072. 2073. 2074. 2075. 2076. 2077. 2078. 2079. 2080. 2081. 2082. 2083. 2084. 2085. 2086. 2087. 2088. 2089. 2090. 2091. 2092. 2093. 2094. 2095. 2096. 2097. 2098. 2099. 2010. 2011. 2012. 2013. 2014. 2015. 2016. 2017. 2018. 2019. 2020. 2021. 2022. 2023. 2024. 2025. 2026. 2027. 2028. 2029. 2030. 2031. 2032. 2033. 2034. 2035. 2036. 2037. 2038. 2039. 2040. 2041. 2042. 2043. 2044. 2045. 2046. 2047. 2048. 2049. 2050. 2051. 2052. 2053. 2054. 2055. 2056. 2057. 2058. 2059. 2060. 2061. 2062. 2063. 2064. 2065. 2066. 2067. 2068. 2069. 2070. 2071. 2072. 2073. 2074. 2075. 2076. 2077. 2078. 2079. 2080. 2081. 2082. 2083. 2084. 2085. 2086. 2087. 2088. 2089. 2090. 2091. 2092. 2093. 2094. 2095. 2096. 2097. 2098. 2099. 2010. 2011. 2012. 2013. 2014. 2015. 2016. 2017. 2018. 2019. 2020. 2021. 2022. 2023. 2024. 2025. 2026. 2027. 2028. 2029. 2030. 2031. 2032. 2033. 2034. 2035. 2036. 2037. 2038. 2039. 2040. 2041. 2042. 2043. 2044. 2045. 2046. 2047. 2048. 2049. 2050. 2051. 2052. 2053. 2054. 2055. 2056. 2057. 2058. 2059. 2060. 2061. 2062. 2063. 2064. 2065. 2066. 2067. 2068. 2069. 2070. 2071. 2072. 2073. 2074. 2075. 2076. 2077. 2078. 2079. 2080. 2081. 2082. 2083. 2084. 2085. 2086. 2087. 2088. 2089. 2090. 2091. 2092. 2093. 2094. 2095. 2096. 2097. 2098. 2099. 2010. 2011. 2012. 2013. 2014. 2015. 2016. 2017. 2018. 2019. 2020. 2021. 2022. 2023. 2024. 2025. 2026. 2027. 2028. 2029. 2030. 2031. 2032. 2033. 2034. 2035. 2036. 2037. 2038. 2039. 2040. 2041. 2042. 2043. 2044. 2045. 2046. 2047. 2048. 2049. 2050. 2051. 2052. 2053. 2054. 2055. 2056. 2057. 2058. 2059. 2060. 2061. 2062. 2063. 2064. 2065. 2066. 2067. 2068. 2069. 2070. 2071. 2072. 2073. 2074. 2075. 2076. 2077. 2078. 2079. 2080. 2081. 2082. 2083. 2084. 2085. 2086. 2087. 2088. 2089. 2090. 2091. 2092. 2093. 2094. 2095. 2096. 2097. 2098. 2099. 2010. 2011. 2012. 2013. 2014. 2015. 2016. 2017. 2018. 2019. 2020. 2021. 2022. 2023. 2024. 2025. 2026. 2027. 2028. 2029. 2030. 2031. 2032. 2033. 2034. 2035. 2036. 2037. 2038. 2039. 2040. 2041. 2042. 2043. 2044. 2045. 2046. 2047. 2048. 2049. 2050. 2051. 2052. 2053. 2054. 2055. 2056. 2057. 2058. 2059. 2060. 2061. 2062. 2063. 2064. 2065. 2066. 2067. 2068. 2069. 2070. 2071. 2072. 2073. 2074. 2075. 2076. 2077. 2078. 2079. 2080. 2081. 2082. 2083. 2084. 2085. 2086. 2087. 2088. 2089. 2090. 2091. 2092. 2093. 2094. 2095. 2096. 2097. 2098. 2099. 2010. 2011. 2012. 2013. 2014. 2015. 2016. 2017. 2018. 2019. 2020. 2021. 2022. 2023. 2024. 2025. 2



# ATIVIDADES JORNALÍSTICAS DE JOAQUIM NABUCO

período, caiu em açojou, mandioca em manioc; e o mesmo acontece com os outros povos acerca de várias palavras americanas. A iniciativa dessa nacionalização filológica do vocabulário exótico há de partir de alguém: um será o primeiro a dar-lhe o cunho brasileiro; e porque não pode ser este o escritor?"

A discussão de Nabuco e Alencar foi longa, foi infinita... Ela deu, em uma palavra, o resultado que neste mundo dão todas as discussões: nenhum. Alencar, ao contrário do que previa Nabuco, continuou a ser o mesmo grande e rústico romancista, adorado de todos os brasileiros; Nabuco, ao contrário do que instruiu Alencar, tornou-se como um dos maiores e mais soberanos espiritos da crítica, da história, do pensamento brasileiro...

Reconciliado com o glorioso antagonista, Nabuco lamentava, na maturidade do seu espírito, os excessos e as injúrias a que se deixara conduzir no excesso daquela polêmica.

## A ÉPOCA

É desse mesmo ano de 1875 a fundação da revista *A Época*, em que Nabuco e Machado de Assis se encontraram juntos.

A essa publicação refere-se Machado de Assis em uma das notas dos *Papéis Arquivados*, ao tratar do seu conto *A chinelata*. Assim diz ele: "Este conto foi publicado, pela primeira vez, na *Época* n.º 1, de 14 de novembro de 1875. Trazia o pseudônimo de *Manuassés*, com que assinou outros artigos naquela folha efêmera. O redator principal era um espírito enigmático, que a política veio tomar às lettras: Joaquim Nabuco. Fosse dize-lhe semi-indicado. Erámos poucos e amigos. O programa era não ter programa, como declarou o artigo inicial, ficando a cada redator plena liberdade de opinião pela qual respondia exclusivamente. O tom é feito a natural reserva

da parte de um colaborador) era elegante, literário, ático. A folha durou quatro números." (*Papéis Arquivados*, nota B).

Como se vê, Machado de Assis afirma que a folha durou quatro números. Sendo assim, a coleção da Biblioteca Nacional está incompleta, pois ali se encontram os três números da *Época* — os correspondentes às datas de 14 de novembro e 1 e 18 de dezembro.

O número inicial da revista apresenta-se com um artigo de fundo anônimo, tão curto e tão condensado que nos inclinamos a crer que seja da autoria de Machado de Assis.

De Machado ou de Nabuco, vale a pena transcrevê-lo: "O nosso

programa é não-te-lo. Se as nossas esperanças forem realizadas, sendo bem acolhida a presente tentativa, a *Época* poderá talvez um dia preencher uma lacuna sensível de nossa imprensa, a de uma publicação destinada a apresentar, sob uma forma ligeira, uma opinião refletida sobre as diversas questões artísticas, literárias e políticas, que mais interessam ao nosso tempo, e a servir de órgão àquela parte de nossa população que se chama em um sentido restrito — a sociedade brasiliense.

Enquanto outros chegaram a essa posição por uma loquacidade importuna, por meio de programas e de ideias que abandonaram, V. Excia., com a sua reconhecida discrição, nunca procurou outro meio de subir senão o silêncio. Para ser presidente da província, diretor de Instrução Pública, ministro, e até Regente Presumtivo do Império, V. Excia. não faz mais do que calar-se. Eis ai a superioridade de V. Excia. sobre os seus colegas."

## O ABOLICIONISTA

O *Abolicionista*, mensário que Nabuco publica em companhia de André Rebouças, é o órgão da Sociedade Brasileira Contra a Escravidão. Foi essa sociedade fundada em casa do próprio Nabuco, à rua Bela da Princesa do Céleste, em 7 de setembro de 1880, conforme se vê na anotação do *Diário de Rebouças*.

A sessão da instalação teve a presidência de Joaquim Alves Branco Moniz Barreto, e acharam-se presentes os abolicionistas que haviam atendido ao convite de Nabuco. Nessa primeira sessão Alves Branco, Saldanha Marinho e o conselheiro Beaurepaire Rohan foram eleitos presidentes de honra: Nabuco, presidente; Adolfo de Barros e Marcolino Moreira, vice-presidentes; Nicolau Moreira, secretário-geral; José Américo dos Santos e José Car-

los de Carvalho, secretários; André Rebouças, tesoureiro.

A 1 de novembro seguinte saiu o primeiro número do *O Abolicionista*, e nele encontramos a presença de Nabuco através de dois trabalhos — uma carta a Adolfo de Barros e um projeto de Abolição, antes apresentado à Câmara.

Logo depois, porém, Nabuco segue para a Europa, e intercompe-se assim o interesse da colaboração que ele havia de dar a essa folha.

Ignorou quantos números deu *O Abolicionista*, pois a coleção que conseguiu estudar na Biblioteca Nacional me parece muito incompleta, constando apenas de 4 números. No *Diário de Rebouças*, porém, em data de 28 de outubro de 1881, encontro esta anotação: "Distribuído o Abolicionista n.º 13 de propaganda para a eleição do amigo Nabuco."

## JORNAL DO COMÉRCIO

Com o *Jornal do Comércio* manteve Nabuco uma fiel e constante amizade. Ocupa várias

funções, exerce várias atividades no velho corifeu da imprensa brasileira. Era o folhetista literário, gracioso e poético, que se assina com o pseudônimo de *Freischütz*, ora é o atilado, o informadíssimo correspondente que de Londres envia estudos e crônicas.

Registremos um, entre os episódios mais interessantes que se prendem a essa sua longa e saudável atividade.

A 21 de agosto de 1881, escreve a propósito de D. Mariana Teixeira Leite Cintra da Silva, esposa de Joaquim Arsenio Cintra da Silva. Estava a morrer a formosa moça, e ela como o cronista registra o fato: "Se a vida triunfar da morte e recompor na sua perfeição os traços que representam para nos a fisionomia a que me refiro, saiba que elle muitos que apenas a conheciam fazem os mais ardentes votos e os misturamos as orações e as preces de sua família para que lhe seja poupança essa tristeza, que não se apaga mais, que se consolida no caráter e é uma das fontes de melancolia espontânea que brota mais tarde do coração: — a tristeza de ver morrer o que é belo na mortalidade, na plenitude da vida, arrebatada, como os anjos da Biblia nas vestes deslumbrantes que mal tocaram à terra."

Seus votos não se cumpriram, e D. Mariana veio a falecer. Comovido, o viúvo mandou gravar na pedra do cemitério as palavras lindas daquela crônica, e, como ignorasse quem as havia dito, pediu a Machado de Assis que comunicasse sua gratidão ao autor. Desincumbete Machado da comissão, e conclui, melancólico: "Estou certo de que voce lerá o recado de Arsenio com a mesma emoção com que o ouvi. Pobre Mariana!"

Passam-se os tempos, e, quinze anos depois, em data de 24 de maio de 1896, Machado escreve uma carta a Nabuco recordando aquele antigo episódio, e contando um fato que podesta constituir o resumo de um dos seus contos. Joaquim Arsenio, agora viúvo de sua segunda esposa, aproveitou para a sepultura dela as mesmas ditas palavras que outrora Nabuco escrevera sobre da sua primeira mulher... Assim fizeram compor o novo epítoco:

"A esposa extremosa surpreendida na plenitude da vida, como os anjos da Biblia, nas deslumbrantes vestes que mal tocaram à terra..."

"Saude eterna!"

E como corresponde ao *Jornal do Comércio* (e também da *Razão* e *Montevideu*) que Nabuco permaneceu em Londres, poucos anos depois, a defesa do Ministério Dantas. Usava pseudônimos expressivos, resumindo estudantes ingleses ou americanos: Clerken, Charnham, Wilberforce, Buxton... Nabuco é Garrison, Rus Barbera e Grey.

pais que vão surgindo — sejam temas de arte, sejam temas de literatura, sejam, principalmente, temas de sociedade e da política. Sua orientação no campo das idéias, a veracidade e a honestidade perfeita de suas informações, a beleza e a superioridade da forma em que escreve, impressionam vivamente seus leitores. Sirva, de comprovação o depoimento de Machado de Assis: "E agora, passando a coisas de maior tom, deixe-me dizer-lhe, não só que aprecio e grandemente as suas cartas de Londres para o *Jornal do Comércio*, como que os meus amigos e pessoas com quem converso, a tal respeito, têm a mesma impressão. E olhe que a dificuldade, como V. sabe, é grande, porque no geral as questões inglesas não só as que V. indicou em uma *Pais*. Ali criou Ele A Sessão Parlementar, coluna queizia diariamente sob sua assinatura, e na qual prosseguiu a atividade abolicionista, dando-lhe o mesmo ardor que até então lhe dedicava na Câmara.

Só dessa fase várias campanhas em que ele se lança a fundo, saindo sempre vitorioso, como a da pena de apoites, como a dos militares que perseguiam os negros fugidos.

O Juri de Paraíba do Sul condenara quatro escravos à pena de trezentos acotes; dois deles morreram em consequência do castigo. Nabuco denunciou o fato, protestando contra a iniquidade da lei brasileira, que mantinha para os cativeiros pena de acotes. O Senado tomou conhecimento do seu protesto, através da palavra de Dantas. Como resultou da agitação, em poucos meses vieram estabelecida a igualdade da lei em nosso país para todos os criminosos.

O ano seguinte marca outro de seus grandes momentos na marcha das idéias abolicionistas: a vitória da tese de que os soldados do exército não deve caber a missão de perseguir os negros fugidos.

O assunto fôr trazido à discussão por um fato que ocorreu aquelas dias: tinham rugido de Capivari sessenta escravos, armados de foice e de paus, os quais se haviam hombrado na Serra do Cubatão. Constituiam talvez aqueles escravos tropéga e desgraçada, que Vicente de Carvalho nos mostra, arrastando-se no anseio de atingir as colinas: anis onde sorri a liberdade, e deixando um pouco de trapo em cada espinho e uma gota de sangue em cada trapo.

Foi esse fato que mereceu um das cartas, e se prendem aos costumes e interesses locais, mas os grandes são pouco familiares neste país: e fazer com que todos os arrombem com interesse, não é fácil, e foi o que V. alcançou. Sua reflexão política, seu humor naiantudo e moderado, além do estilo e do conhecimento das coisas, dão muito peso a esses escritos. Há um trecho deles, que não sei se chegou a encrustar-se no espírito dos nossos homens públicos, mas considero-o como um aviso, que não devia sair da "biblioteca deles": o que se deve a nossas divinas Palavras de Ouro, que elas não sejam palavras ao vento. A ilusão relativa à perda de alguma parte da religião brasileira abre uma porta para o futuro." (Correspondência, pág. 107).

E na coluna institucional do *Jornal do Comércio* que, juntamente com Rus Barbera, Guimarães Lôbo, Rodelio Daniels e Barros Pimentel, empreendeu Nabuco, poucos anos depois, a defesa do Ministério Dantas. Usava pseudônimos expressivos, resumindo estudantes ingleses ou americanos: Clerken, Charnham, Wilberforce, Buxton... Nabuco é Garrison, Rus Barbera e Grey.

Fez depois, fundado o *Pais*,

## COOPERATIVA DOS USINEIROS DE PERNAMBUCO LIMITADA

Telegrama: COPER -- Caixa Postal: 487

UNICA RECEBEDORA E DISTRIBUIDORA DO ACUCAR DE PRODUÇÃO  
DAS USINAS DO ESTADO PELOS CENTROS DE CONSUMO  
DO PAÍS E DO EXTERIOR

ARMAZENS PRÓPRIOS PARA RECOLHER: AS RUAS DO BRUM N. 248  
E GUARARAPES N. 113

**Capital subscrito..... Cr\$ 4.966.100,00**

" integralizado . Cr\$ 4.877.200,00

**Fundo de Reserva .... Cr\$ 986.466,70**

**RECIFE — PERNAMBUCO — BRASIL**  
Escritório no Rio de Janeiro: Rua da Candelária, 9 — s/301  
Em São Paulo: — Rua Alvares Penteado, N.º 180 — s/509

O ano passado registrou a Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco uma produção total de quase 8 milhões de sacas de açúcar, a maior safra ainda verificada em qualquer zona açucareira do país.

A nova Diretoria da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco está assim constituída:

**CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO:** — José Pessoa de Queiroz, Presidente; Armando de Oliveira Monteiro, Secretário; Luis Inácio Pessoa de Melo, Tesoureiro; Manuel Caetano de Brito, Diretor; Manuel Maroja, Diretor.

**CONSELHO FISCAL** — Membros efetivos: Júlio Queiroz, Leônio Araújo e Romero Cabral da Costa; Suplentes: José Lopes de Siqueira Santos, Afonso Freire e Enoch Maranhão.

# ATIVIDADES JORNALÍSTICAS DE JOAQUIM NABUCO

passam "os ingleses do Dantista" para a nova folha.

Nabuco regressaria, mais tarde, ao *Jornal do Comércio*. Seria depois da República, em hora de maior serenidade, quando, já como um sociólogo, como um historiador, e não como um combatente político, ele se dispôs a contemplar do alto os fenômenos brasileiros e americanos. E' ali que dà, a começar de 1891, o seu *Balanço*, a sua *Intervenção Estrangeira durante a Revolução*, muitas das belas estudos que entravam depois no volume dos *Escritos e Discursos Literários*.

## O PAÍS

Em 1886, tendo perdido a tribuna da Câmara, Nabuco aceita o convite de Quintino Bocaiuva para assumir uma coluna no artigo de Nabuco — um dialetico vibrantíssimo artigo, a cuja eloquência ninguém resistiu. Em certo passo exclamou: "O escravo... morre pela sua liberdade, pela sua família, pela sua raça, morre defendendo-se e não atacando, morre como o mártir da primeira de todas as religiões, como o herói da maior de todas as batalhas, como todo homem tem direito de morrer, desde que não pode ser livre, senão a prece de sua vida". Sem demora boa parte do Exército se acha colocada ao lado do publicista. O Clube Militar redigiu uma representação à Princesa Isabel, então no governo, representação delicada porém firme, na qual é pedido seja o Exército dispensado da torpe missão. — Era mais um grande passo que o país dava na conquista da sua liberdade definitiva.

Detenhamo-nos alguns momentos sobre a produção de Nabuco no País, no ano do triunfo abolicionista. Nabuco encontra-se na Europa, e, como sempre que pode, desvia algumas semanas a Londres. E' de lá que se acham datados seus primeiros trabalhos do ano — a apreciação sobre o ano de 1887, a crônica sobre a República na França, o ensaio a propósito do Centenário do *Times*.

Logo depois, porém, parte para Roma. Vai recomendado pelos amigos da *Anti-Slavery Society*, pelo Cardenal Manning. Em Roma recebe três grandes impressões, que transmite aos leitores brasileiros: a impressão da antiguidade, da religião, da arte.

Mas o seu grande momento na Cidade Eterna é a audiência que consegue de Leão XIII, e na qual pede ao Pontífice uma palavra que sirva como o testemunho da condenação da Igreja à escravidão.

— Ce mot je le dirai, vous pouvez en être sûr, respondeu-lhe o Papa. E' quando o Papa tiver falado, todos os católicos terão que obedecer.

Sabe-se que S. Santidade não prometeu em vão: apenas três meses depois de haver manifestado a Nabuco o seu apoio à campanha, a Princesa Isabel assassinou a lei que extinguiu o castiçário.

Pouco tempo ainda demora Nabuco no País.

E' de 20 de junho de 1888 um artigo intitulado *Agitação Social*, no qual Bocaiuva se manifestava republicano. Para publicar esse seu artigo Bocaiuva fizera retirar um artigo em que Nabuco combatia o Manifesto Paulino e a agitação republicana do escravismo intransigente. O escritor ressentiu-se, e imediatamente mandou seu pedido de demissão. Não lhe quis dar Bocaiuva; e os dois chegaram a um entendimento: Nabuco criou, então, na folha, uma outra coluna, onde podia livremente expandir as suas idéias, sem nenhum contaminante das idéias do diretor. Intitulou-a

Mas ali permaneceu apenas durante meses. Era um equilíbrio realmente muito difícil o que os dois amigos tentavam naquela perigosíssima gangorra. De um lado Bocaiuva, com todos os ardores de sua inflexível propaganda republicana. Do outro lado, Nabuco, com a sua crença, o seu entusiasmo, o seu amor monárquico. Como conciliá-los, em colunas tão próximas e tão antagônicas?

Anotação de Rebouças, em 4 de Janeiro de 1889: "Retirou-se do País o amigo Joaquim Nabuco, por não poder mais suportar a hipocrisia de Quintino Bocaiuva".

## JORNAL DO BRASIL

E' de 1891 a fundação do *Jornal do Brasil*.

Vem essa folha corresponder às aspirações de uma grande parte da consciência brasileira. Fizeram-na a República, e logo a cultura dos adesistas fôrta tal que envergava os horizontes. Acreditaram nos protestos de amor e fidelidade ao novo regime, que se multiplicavam por todos os lados. Diríamos que a Monarquia brasileira nunca livrara adeptos, e só rrivera cercada dos homens mais hostis. Entre tantos adesistas de última hora, porém, surgiam, aquil e ali, as vezes homens serenos, sinceros e justos, que sabiam manter-se fiéis às suas ideologias vencidas. E' tais homens tinham a aliança confiante o espetáculo que seus olhos contemplavam.

Foi no espírito de alguns desses homens sinceros que nasceu a ideia da criação de um jornal que viesse discretamente falar, para evocar nobres figuras já passadas, para não deixar totalmente apagar-se na alma do povo brasileiro a recordação de uma era que ia pouco a pouco se revestindo, no distanciamento, de prestígio e do encantamento de uma idade de ouro. Um jornal que pudesse orientar — que pudesse sobre tudo educar o povo. Essa foi a finalidade do *Jornal do Brasil*.

Fundou-o Rodolfo Dantas. Era uma figura suave, de homem afeto à mediação dos problemas brasileiros, ao estudo e ao trabalho. Rodolfo Dantas — seu nome inteiro era Rodolfo Epifânio de Souza Dantas — nasceu na Bahia em 1854. Formara-se em Recife pela Faculdade do Recife. Aos vinte e seis anos fôrta Ministro dos Negócios do Império e Ministro da Justiça.

Em meio a tão radicais processos, porém, resolve abandonar o cenário político, onde tão fulgidamente resplandecia, e entregue-se a atividades obscuras e sem eco. Só mais tarde, depois de Monarquia, voltou à tona, num formidável esforço jornalístico, fundando o *Jornal do Brasil*.

Ficou sendo um mistério sem solução o fato de haver Rodolfo Dantas abandonado a política, quando havia tanto e tanto a esperar de seu talento e de sua energia. Estudando o ato desse seu amigo, Nabuco chegava a enxergar, nele, um sinal de decadência do sistema monárquico. "Entre os nimis da dúvida da monarquia, pode-se contar também aquele. Quando as instituições adquirem a consciência de sua impotência e dúvida de sua necessidade, como em redor da monarquia tudo duvidava (viu-se bem a adesão até da corte), os espíritos que não se impediram raram no egoísmo partidário, que aliás é também uma espécie de dedicação, resignam-se ou resignam."

Rodolfo Dantas resignou, mas não se resignou. Voltou à tona, mais tarde, à frente de um jornal de opinião monárquica, para defender o sistema político a que se tornara alheio.

Rodolfo Dantas trouxe para a sua redação uma consolidação brilhante e numerosa.

Seus companheiros chamavam-se Joaquim Nabuco, Constantino Alves, José Veríssimo, Guzmão Lobo, Sampaio de Barros Pimentel, Aristides Espírito, Ulisses Viana, nomes gloriosos nas letras e no jornalismo brasileiro.

O jornal que se estreia apresenta o programa mais elevado, o menos partidário possível. Pretende falar integralmente isenta de quaisquer paixões e de quaisquer facções. "Peculièrement declararmos que este jornal não é político nem faz política, tomado o vocabulário acepção que o uso entre nós lhe atribuiu, como designando os perigos, responsabilidades e prevenções. São desapegados e alheios a esses cálculos, tão imprísticos para o serviço público nos confessamos, que não queremos nem sabermos considerar essa politica senão do ponto de vista que o sr. Renan chamou de Sirius, ou do infinito; e desse ponto de vista sólido nos seria dado perceber se não a mesquinhez e a esterilidade dos ódios, das paixões e dos intuições com que o espírito de partido cimenta os seus interesses mais verdadeiros e reais." Assim falava o seu primeiro artigo de fundo. E todo o programa da folha parecia condensar-se nestes conceitos amplos: "Palaremos, sim, a este novo regime a linguagem que melhor lhe convém, e dir-lhemos a verdade a seu próprio mais útil, apontando-lhe a todo o propósito os escolhos fatais à sua índole, os vícios a que sua natureza o dispõe, as fraquezas para que o seu mecanismo o prepare, e que lhe cumprirá a

todo o trânsito evitar para que cedo o não contaminem gêneses de profunda decadência e irreversível decomposição. Este assegura-se-nos o serviço supremo e o maior leal da imprensa aos sistemas políticos como o que atualmente nos rege; o mérito desse serviço sobe de ponto, de valor e de necessidade a considerarmos que, suprimidas as normas parlamentares a cujos nomes já não referimos acima — e entre estes Ulisses Viana e Sampaio de Barros Pimentel, que haviam sido seus colegas no curso de Direito, pois os três se formaram no Recife, em 1870; e sobretudo lá se encontrou Constantino Alves, um dos seus amigos intelectuais mais profundos, aquele em quem descobriu, anos depois, em carta a Machado de Assis, "a melodia interior, a nota rara..."

E Nabuco continuava as suas resplendentes doutrinárias políticas, já iniciadas na correspondência vindra da Europa. Sonharia, de certo, o regresso do Brasil ao sistema monárquico. Mas com que discrição, com que elevação acautelava esse ideal! O que ele quer, em essência, é ver o Brasil encadado para os seus grandes destinos, é ver o povo brasileiro educado para assumir a plena consciência dos seus deveres e dos seus direitos. E' preciso educar os nossos amigos — dissera uma vez no Parlamento inglês, ao ser alargado o escândalo até os operários. E' isso o que ele almeja para a nossa terra: "E' o que devemos fazer no Brasil: educar os nossos amigos para a grande função neutra e nacional que lhes demos a 15 de novembro". Esse olhar arguto via com clareza

# Um nome tradicional em todos os lares do Brasil!

Nas grandes capitais como nas pequenas cidades de todos os Estados do Brasil, a marca PEIXE representa, em todos os lares — há 50 anos — a máxima garantia de alta qualidade, pureza e sabor em doces, compotas, conservas, extrato de tomate, etc. Utilizando os mais modernos e aperfeiçoados métodos de fabrico, disponde de plantações próprias onde são científicamente cultivados e rigorosamente selecionados os frutos que empregam nos seus produtos, as FÁBRICAS PEIXE esforçam-se continuamente por retribuir à preferência dos seus consumidores, oferecendo-lhes sempre as mais saborosas sobremesas e os alimentos do mais alto valor nutritivo!



**Carlos de Britto S.A.**

FÁBRICAS "PEIXE"

RECIFE - RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO - DESEN. MOREIRA (M. G. G.)

Campo Neutro.

# ATIVIDADES JORNALÍSTICAS DE JOAQUIM NABUCO

inexcedível as realidades nacionais. E alguns daqueles artigos em que examinava a situação nacional (por exemplo: as *Ilustrações Republicanas*, de 21 de julho de 1891; *Outras Ilustrações Republicanas*, série de seis estudos, começando em 27 do mesmo mês e acabando em 1 de novembro do mesmo ano) são das sondagens mais sérias que a República brasileira em todos os tempos mereceu.

Nabuco, sabe-se, não pôde permanecer por muito tempo à frente do *Jornal do Brasil*. Agravando-se as perseguições aos monarquistas, saiu, ele, deixando a direção da folha a Rui Barbosa. Também Rui não se podia all conservar muito tempo, porque as agitações floridianas sobrevieram, repletas de perseguições estúpidas e intolerantes. Em breve o *Jornal do Brasil* fechava as suas portas.

Quando as tornou a abrir, o proprietário era outro, a colaboração e o ideal da folha eram diversos.

Rodolfo Dantas faleceu a 12 de setembro de 1901. Naquele dia Nabuco confidenciou com o seu diário: "Notícia da morte de Rodolfo Dantas. A afetição dele era um pôr na costa de um mar cheio de naufrágios e a esse eu podia arribar em todo tempo em segurança".

## COMÉRCIO DE SÃO PAULO

No período 1895-1896, mantinha-se uma seção no *Comércio de São Paulo*. Era uma folha monarchista, dirigida por Eduardo Prado, e em suas colunas se agremiava um grupo seletoissimo de escritores paulistas e cariocas. Nabuco criou ali a coluna intitulada *Notes Políticas*. Com a agravação das intolerâncias republicanas, a imprensa paulista veio a sofrer o mesmo que sofreu a imprensa carioca. Prado pensou em passar a direção da folha a Nabuco, o que talvez diminuisse o fúor dos ódios que a cercavam. Oferecia ao amigo a direção do *Comércio*, com um ordenado de 18 contos e um interesse nos lucros — lucros que não eram prequeiros.

Logo depois, entretanto, comunicava-lhe que o fúor republicano ia tornando cada vez maior e mais perigoso, e dizia que a qualquer momento esperava uma agressão à folha. Em março de 1896, Nabuco, declarando não poder manter sua coluna, em virtude de viver em um tempo de despotismo e ditadura, despediu-se de seus leitores de São Paulo.

Era aquéle, realmente, um tempo de paixões e fúrios desencadeadas. No Rio, a *Liberdade*, o jornal de Carlos de Lacerda, para cujo cargo de redator-chefe Nabuco se recusara a entrar, era depredado e incendiado pelos republicanos em crise de intolerância mais aguda.

## A REVISTA BRASILEIRA

Foi, se que suponho, no *Jornal do Brasil* que Nabuco e José Veríssimo se aproximaram. Veríssimo estava nít o função de crítico literário, e se o que conseguiu saber, devia ter também função na secretaria da folha.

Mais tarde, já fechado o *Jornal do Brasil*, sentindo-se desiludido do jornalismo político, vai José Veríssimo fundar a *Revista Brasileira*. Foi maravilhoso o que ele conseguiu ali, em uma época de tão intolerantes paixões, sua revista parou acima de figuras ou de partidos, e se tornou o cênculo dileto a todos os homens de espírito. Ali, realmente, os monarquistas mais convictos, um Taunay, um Lacerda, um Prado, encontravam-se com republicanos íntimos como Lúcio de Mendonça; um católico como Nabuco convivia com um ateu como Mafra e Albuquerque; um dos homens de costumes maiores como Ma-

chado de Assis fraternizava com um boêmio sem juizo como Guimarães Passos...

A *Revista Brasileira* constituiu-se, assim, uma folha prestigiosa, e sua coleção (que vem de 1895 a 1899) é uma preciosidade em nossa bibliografia. Em suas páginas Nabuco publicou trabalhos dos mais característicos de sua obra — e, entre estes, o seu longo estudo acerca de senador Nabuco de Araújo, a monumental biografia do *Estadista do Império*.

Na *Revista Brasileira* embolsou-se a Academia nascente; e podemos dizer, assim, que a Academia, inicialmente, ilheu sendo um fruto do espírito de tolerância, da prudência, do sentido de harmonia, de José Veríssimo. Foi, com efeito, um prodigo, o poderem reunir-se, num país afeto à indisciplina e à desordem, aqueles quarenta homens que concederam um senhor consenso. Só a experiência, já então vitoriosa, da *Revista*, com a sua aceitação de todas as correntes, com a sua facultade de apreciar-las e prezá-las todas, poderia permitir o clima necessário à criação daquele obra, cuja vitória é devida a Lucio de Mendonça, a Machado de Assis, a José Veríssimo, a Joaquim Nabuco, a todos os tradicionalistas; mas é também devida a Olavo Bilac, a Gutemberg Passos, a Pedro Rabelo, aos revolucionários mais crespos e mais impetuosos.

Nabuco foi uma das grandes forças de coação e prestígio da Academia nascente. Companheiro de Machado de Assis na mesa que arco com a responsabilidade da fundação da instituição, secretário geral da sua primeira diretoria, coube-lhe fazer o discurso inaugural da Academia. Tratou sido suas, de certo, algumas das ideias que mais contribuíram para o prestígio, e mesmo para a originalidade, da Academia; aí, sim, por exemplo, da criação do quadro de patronos. Foi a solução maravilhosa que o instituto infalível de Nabuco encontrou para dar antiguidade a uma instituição que nascida, e cujo prestígio só poderia decorrer das raízes que ela tivesse no passado, do culto que ela merecesse por sua tradição. Criando o grupo dos patronos, a Academia refusa, por meio deles — por meio de Grécio de Matos, por exemplo — o segundo estamento da vida brasileira. E adquiriu o título de uma encarniçada ilustre, anterior mesmo à fundação da Academia Francesa...

Nabuco viu cristalizar-se em uma bela vitória aquélle valioso que anunciará no seu discurso de inauguração da casa: vir a Academia vitoriosa. A Graca Aranha ele pode escrever: "A Academia parece fundada. Ela repousa, pelo menos, sob a mais forte das bases, o amor da vangloria."

A Academia manteve seu secretariado geral de sua primeira diretoria o mesmo inalterado até hoje. Ele, ainda de longe, orienta a instituição, suscitando soluções melhor para variados problemas. E não, por exemplo, a idéia de que caem em sua ilustre casa também os bons espíritos, que, embora não sejam propriamente de homens de letras, representam um papel respeitável no quadro mental do país, a chama da teoria dos expoentes, que permitiu à instituição receber em seu seio um homem como Oswald Cruz, um homem como Santos Dumont, um homem como Miguel Couto.

Veríssimo mostrava-se sempre na *Revista Brasileira*, na Academia, em toda a parte, um atento e devotado amigo de Nabuco. Quando este publicou os seus *Pensamentos soltos*, Veríssimo escreveu acerca do belo livro dois estudos no *Jornal do Comércio* — estudos que pareceram a Machado de Assis justos, estudos que todos os amigos de Nabuco admiravam de

coração. A Nabuco, porém, esses artigos nada agradaram. Comparou-os ele com um cartão de Schuré — e como este simples cartão do artista lhe parece mais compreensivo e mais arguto do que a página do *Jornal do Comércio* escrita pelo crítico! "Leia esse cartão" — de Schuré (escreve a Graca Aranha) e veja que diferença entre o artista e o crítico, isto é, o Veríssimo. Este podia bem não me ter traduzido. Esse traidor! Como as palavras finais do artigo importunante e indiscreto exprimem bem a impressão que ele não pode disfarçar. Eu esperava deles uma palavra de simpatia, como estas que estou recebendo de Franca, de desconhecidos, e ele deu ao Jornal a minha custa cinco colunas de viviseção, pois ele é desses que não sabem julgar nadia in se, o anônimo; precisa da pessoa do autor como um indivíduo que para julgar o perfume de uma flor precisasse primeiro ver a cara do jardineiro. Também eu não escrevi para críticos. *Não regojo-me di lor*. Cada vez me convenço mais de que o sentimento é mais largo do que o talento, — não digo de que a inteligência porque a inteligência é toda sentimental. O sr. que entregou minha apresentação no Jornal a tal introdutor deve-me bem uma reparação nas mesmas colunas, preciso do balsamo de um Caldas Viana, de um João Ribeiro, de um amigo entím. Esse Veríssimo não tem o sentido da tolerância. E' um célio intolerante, um puro iconoclasta, um inquisidor fússil. Não me publique, pelo amor de Deus, nada do que lhe mando. Perderia para mim tudo o encanto, e não é usável entre certa gente publicar cartas íntimas. Leia-as, porém, com o prazer de verdadeiro amigo e não as deixe sair de suas mãos".

Mas essa mágoa cicatriza logo, e em breve o tom da correspondência de Nabuco com Veríssimo é o mesmo tom amig - astucioso e suave. "Acabo de receber a sua boa carta. Ela veio curar a ferida aberta pela sua pena..." escreve Nabuco ao amigo em data de 23 de agosto de 1908. E logo: "Não lhe oculto a mágoa de ver tratada assim por José Veríssimo uma obra na qual pus de muito o melhor da minha inteligência. Como lhe digo, porém, sua carta cicatrizou essa grande ferida..."

## JORNALISTA OU ANTI-JORNALISTA?

Já agora, no encerrar este estudo, podemos nos interrogar: foi Joaquim Nabuco realmente o que chamamos um jornalista, ou não será mais acertado considerá-lo exatamente o oposto disso, o tipo por excelência contrário ao homem de jornal?

O homem de jornal é essencialmente o homem da improvisação. Exorre num momento, e para o seu momento. Todo o seu anseio consiste em preencher o minuto efêmero, e desaparecer com ele.

Joaquim Nabuco é o contrário desse tipo mental. E' o escritor efeto às longas mediadas, à contemplação filosófica e mística. Toda a obra que legou é de repouso, de permanência, de testemunhança de cristianização. Quando estudava os interrompidos períodos de atividade de imprensa que teve, o que verificamos é isto: é que ele só está bem quando está doutrinando do alto das colunas de responsabilidade individual, expondo seus pontos de vista, defendendo suas convicções. Sua concepção do que seja a atividade jornalística é parecida com a de Rui Barbosa: é a de um jornalismo res o efêmero do jornalismo, um jornalismo que possa permanecer, como um jogo de idéias e mesmo como uma construção de estio...

Mas há, entre têles doss, uma diferença. Em Rui, a atividade da imprensa foi uma condição inevitável, uma como necessidade de ordem pública, e mesmo um imperativo de ordem cívica. Foi a expansão natural das imensas forças interiores daquele vocação de revolucionário. Daquele vocação de combatente.

Em Nabuco, o instrumento jornal foi muito menos poderoso do que em Rui, pois apareceu sempre como um derivativo, uma substituição do outro instrumento do lutador e do propagandista — este sim, primordial e potissímo — a palavra do orador. Se bem examinarmos as coisas, veremos que Nabuco só se tornou jornalista movido pela conveniência de trazer mais uma arma à sua campanha da Abolição. Feita essa, julgou-se com direito a uma aposentadoria. Se volta à atividade mais tarde (como o fez no *Jornal do Brasil*), é para verificar que se encontra irremediablemente deslocado, perdido em um mundo que não entende o seu dialeto de finura e de harmonia. Refugia-se, então, em colunas meramente literárias, nas quais se vai abs-traindo cada vez mais das coisas evasivas do mundo, e meditando sobre as coisas eternas. E a sua última fase — a fase da *Revista Brasileira* — na qual já nada existe nele de homem propriamente de jornal, em que sobrevive desapenas o psicólogo político, o analista dos grandes fatos sociais, o historiador.

Mas, mesmo nos períodos em que com maior ardor e entusiasmo ele se dedicou às suas belas atividades de campeão da Abolição, o seu modo de ser jornalista era devidamente preocupado com o esplendor das idéias, com a elevação e a beleza da forma, para que lhe possássem dar em plena razão o título de jornalista.

Podemos esclarecer bem o assunto, com o citarmos uma opinião de Nabuco e o comentário

a margem dessa opinião feito por Félix Pacheco. Estuda Nabuco a fundação do seu querido *Jornal do Brasil*. E tendo citado os grandes nomes brasileiros e estrangeiros que, em todos os terrenos das ciências, das lettras e das artes, Rodolfo Dantas conseguiram reunir, em sua redação, faz à folha que tanto amava o maior dos elogios: "Era, diz ele, um jornal saído de um gabinete de estudos." Parece não haver maior leitura para um jornal do que esse; e de lhe dar alguém um caráter assim de encyclopédia viva, criada dia a dia, o caráter de uma antologia que dia a dia se refaz. E isso era assim mesmo, para o espírito daquele homem essencialmente dado à meditatione das idéias que ficam.

Vem, porém, o jornalista tipicamente jornalista, representado por Félix Pacheco, o que comentário encontra para esse conceito de Nabuco? Encontra este, que é amável e dulcissimo, sem dúvida: "Com esse intellectualismo requintado, está-se a ver que o jornal, como jornal, não podia deixar de dar com os burros n'água."

## NABUCO E SUA FAMÍLIA DE ESPIRITOS

Sendo, embora, tão pouco jornalista, tendo mesmo por tantos aspectos o tipo do anti-jornalista, Joaquim Nabuco tem que ser estudado, entretanto, toda a vez que traremos de levantar os quadros históricos da imprensa brasileira. Ele será o representante de toda uma família de escritores despavilados da vocação da imprensa eterna, mas que as contingências das coisas o empurraram para o transídio das colunas dos jornais. Essa família é vastíssima, e, num mundo em que as condições de fortuna são ásperas e difíceis, como o brasileiro, se vê multiplicada ao infinito. A ela pertenceram, entre outros, um Machado de

*(Continua na página 121)*

## PREFACIO

*A maior parte de Minha Formação, já apareceu, principalmente no *Comércio de São Paulo*, em 1908, depois de tecida pela *Revista Brasileira*, que me encantou imensamente. Os capitulinhos que aqui apresento são tomados a sítio, mapeados, mas que as contingências das coisas o empurraram para o transídio das colunas dos jornais. Essa família é vastíssima, e, num mundo em que as condições de fortuna são ásperas e difíceis, como o brasileiro, se vê multiplicada ao infinito. A ela pertenceram, entre outros, um Machado de*

*Primeira página do prefácio de "Minha Formação", com endroto do punho de Nabuco.*

# BIBLIOGRAFIA DE JOAQUIM NABUCO

**O Gigante da Potomá.** Ode oferecida ao Ilmo. e Exmo. Sr. Conselheiro José Nabuco da Araújo por seu filho, etc. Rio de Janeiro, 1864. 7 págs. in 4º com uma estampa.

Foi distribuída entre os amigos do autor.

**Estudo Histórico.** 1867. 44 págs.

É uma coleção de artigos, escritos "como se escreve em São Paulo, sem calma e sem tempo".

**Os Destinos.** Drama. Foi representado a 2 de Abril de 1868 pelos atores Furtado Coelho e Irenice. Sobre ela escreveu Salvador de Mendonça, no Ipiranga, um folheto elogioso. Ignora-se onde jazem os seus originais; a peça nunca foi editada. (Carolina Nabuco, pág. 32).

**A Escravidão — 1869.**

Este trabalho nunca foi publicado. Dividiu-se em três partes — **O Crime, A História do Crime, A Reparação do Crime.** O autor só escreveu duas primeiras, que ficaram formando um ms. de 220 páginas, em letra miúda. (Carolina Nabuco, pág. 35).

**O Povo e o Trono, profissão de fé política de Juvenal, romano da decadência.** Rio de Janeiro, 1869. 40 páginas, in 8º.

**Camões e os Lusíadas.** Rio de Janeiro, 1872. 294 páginas in 8º.

**Le droit au meurtre; lettre à M. Ernest Renan.** Rio de Janeiro, 1872; 88 págs., in 8º.

É um folheto em francês, escrito a propósito de uma polémica que A. Dumas suscitava em Paris.

**O partido ultramontano, suas invocações, seus crônons e seu futuro.** Rio de Janeiro, 1873. 65 págs. in 8º. São artigos antes publicados na **Reforma** (Rio de Janeiro).

**A Invasão ultramontana;** discurso pronunciado no Grande Oriente do Brasil no dia 27 de Maio de 1873. Rio de Janeiro, 1873. 46 págs. in 8º.

Saiu antes em **A Reforma** 4.5. e 6 de Junho de 1873), com o título de **Questão Religiosa.**

**Castro Alves.** Rio de Janeiro, 1873. 30 págs., in 8º. É uma série de artigos publicados na **Reforma** 20, 24 e 27 de Abril de 1873.

**Os Maridos — Comédia.** 1873. Esta comédia foi recusada como inútil pelo Conservatório Dramático. Nabuco apelou desse julgamento para o julgamento de Machado de Assis, "como protetor da arte e de muitos artistas brasileiros". — É a informação que nos dá Lucia Miguel Pereira (Machado de Assis, páginas 158 - 160).

**L'Amour et Dieu.** Paris. Imprimerie de J. Claye — 1874.

É uma coleção de versos em francês.

**Escola Veneziana.** Ficou na Exposição pública de belas artes, em 1873, pelo conselheiro Homem de Melo. Rio de Janeiro, 1875.

São conferências públicas feitas na Escola da Glória, a pedido do Imperador.

**Camões;** discurso pronunciado a 10 de Junho de 1889 por parte do Gabinete Português de Leitura. Rio de Janeiro, 1889. 30 págs., in 8º. Teve mais duas edições no mesmo ano.

**Sociedade brasileira contra a escravidão,** cartas do presidente Joaquim Nabuco e do ministro Americano H. W. Hilliard, sobre a emancipação nos Estados Unidos. J. Leuzinger e Filhos. Rio, 1880. 23 páginas. Rio, 1880. 23 páginas.

**Manifesto da Sociedade brasileira contra a escravidão.** Tip. de J. Leuzinger e Filhos. Rio de Janeiro, 1880. Foi impresso em três línguas.

**Reformas nacionais. O abolicionismo.** — Londres, 1883. XI-256 págs., in 8º.

O autor anunciará esta obra como a primeira de uma série que ia publicar, com o intuito de apresentar aos brasileiros as reformas que em seu entender eram vitais, para o seu país.

O Abolicionismo tem 17 capítulos tratando dos seguintes assuntos:

- I — O que é o abolicionismo. A obra do presente e do futuro.
- II — O partido abolicionista.
- III — O mandato da raça negra.
- IV — O caráter do movimento abolicionista.
- V — A causa já está vencida.
- VI — Ilusões até a independência.
- VII — Antes da Lei de 1871.
- VIII — As promessas da lei de emancipação.

- IX — O tráfico de africanos.
- X — A ilegalidade da escravidão.
- XI — Os fundamentos gerais do abolicionismo.
- XII — Influência da escravidão sobre a nacionalidade.
- XIV — Influência sobre o território e a população do interior.
- XV — Influências sociais e políticas da escravidão.
- XVI — Necessidade da abolição. Os perigos de demora.
- XVII — Recessos e consequências. Conclusão.

**O Abolicionismo.** Edição uniforme das obras de Joaquim Nabuco — Companhia Editora Nacional. — São Paulo, 1928. 249 páginas.

**A Emancipação no Ceará e os Brasileiros em Lençóis — O Crime, A História do Crime, A Reparação do Crime.** O autor só escreveu duas primeiras, que ficaram formando um ms. de 220 páginas, em letra miúda. (Carolina Nabuco, pág. 35).

**O Povo e o Trono, profissão de fé política de Juvenal, romano da decadência.** Rio de Janeiro, 1869. 40 páginas, in 8º.

**Henri George.** Naturalização do solo. Rio de Janeiro, 1884, in 8º.

**Confederação abolicionista,** conferência a 22 de Junho de 1884, no Teatro Politeama. Rio de Janeiro, 1884, in 16º.

**Discurso pronunciado na Câmara dos Deputados,** na sessão de 24 de Agosto de 1884, sobre a organização ministerial. Rio de Janeiro, 1885, in 8º.

**Campanha abolicionista no Recife (eleições de 1884).** Discursos. Rio de Janeiro, 1885. 220 págs., in 8º, com um prefácio pelo Dr. Aníbal Falcão.

**O erro do Imperador — Rio, 1888.** É o primeiro opúsculo de uma série intitulada **Propaganda Liberal**, que o autor se propunha a publicar. Foi só depois respondido pelos adversários do escritor como outra série — **Propaganda da Verdade**. A que pertencem os folhetos:

- O erro do Sr. Nabuco.
- O Eclipse do Patriotismo, além de outros.

**O Eclipse do Abolicionismo.** Rio de Janeiro, 1886. É o segundo opúsculo.

**Eleições livres, eleições conservadoras.** Rio de Janeiro, 1888. É o terceiro opúsculo da série.

**Escravos.** Versos franceses a Epicteto, com versão portuguesa em face. Rio de Janeiro, 1886.

É o quarto opúsculo da série.

**A sessão parlamentar.** É uma série de artigos diáários que o autor publicava no País, em 1886.

**Mensagem dirigida e apresentada à Senhora Condessa d'Eu,** no dia 12 de Maio, por alguns Brasileiros residentes na Europa. Paris, 1888.

Foi reproduzida no "Jornal do Comércio" de 10 de Julho de 1891.

**Manifesto** do Dr. Joaquim Nabuco precedido de algumas páginas escritas pelo Sr. Cândido Furtado de Mendonça Junior, como contra-manifesto àquele. Recife, 1890.

**Porque continuo a ser monarquista.** Carta ao Diretor do Diário do Comércio. Londres — 1890. 23 págs. É uma carta dirigida ao Dr. Fernando Mendes, e datada de Blo. 7 de Setembro de 1890. Existiu na Biblioteca do Iamareté, um exemplar deste opúsculo, dedicado ao Barão do Rio Branco, com as seguintes palavras: A uma fidelidade irmã. Joaquim Nabuco.

**Agradecimento aos Pernambucanos.** 2ª edição Londres, 1891.

**Discurso** pronunciado na kermesse em favor dos feridos federalistas. Recife, 1893. Foi em parte publicado no "Jornal do Recife", desse ano.

**A minha carreira política:** discurso. Recife, 1893.

**O dever dos Monarquistas.** Carta ao Almirante Jaceguay, com observações sobre a função histórica da monarquia no Brasil. Rio de Janeiro, 1895. 32 págs. in 4º.

É uma resposta ao trabalho do Almirante Jaceguay: **O Dever do momento.** Setembro de 1895. Neste trabalho, que fora antes publicado no "Jornal do Comércio", Jaceguay exortava Nabuco a servir à República.

**Notas Políticas.** Seção em **O Comércio de São Paulo** — 1885, 1896.

**Balmaceda e a Guerra Civil do Chile.** Rio de Janeiro, 1895. 225 págs. in 4º. É uma série de artigos publicados no "Jornal do Comércio", corrigidos e aumentados com um post-scriptum sobre a questão da América Latina e precedidos de um prefácio.

**Balmaceda.** Edição uniforme das obras de Joaquim Nabuco. Companhia Editora Nacional, São Paulo — 1937. 195 págs.

**Discurso** ao ser recebido como sócio do Instituto Histórico (1890) — Revista do Instituto, LIX, 2º, 302.

**A Intervenção Estrangeira durante a Revolta.** A intimação das potências. O controle naval na baía do Rio. A ação do Almirante Benham. O ato à batalha das corvetas portuguesas. Rio de Janeiro, 1896. 221-244 págs., in 4º. É uma reprodução de uma série de artigos publicados no "Jornal do Comércio" de 11, 16, 12, 22, 23, 27 e 31 de Agosto, etc. com uma dedicação ao comendante Augusto de Castilho, um prefácio e notas.

**A Intervenção Estrangeira durante a Revolta — Nova edição.** Livraria Editora Freitas Bastos. — 1932. 399 págs.

**D. Pedro II.** por Joaquim Nabuco e Constituição das Damas. Rio de Janeiro, 1896. Este livro divide-se em duas partes. A primeira contém: Missão de Imprensa; Perfil de jornal: D. Pedro II; Segundo reinado; D. Pedro II; O que se argua ao Imperador; Seu nome na história; O funeral; Prestígio funebre; Em S. Vicente de Fora. A segunda contém: Cartas de França do Barão do Rio Branco; Descrição completa da morte, últimos momentos e funerais de D. Pedro II; O tempo de obito lavrado na maioria do 8º Distrito, câmara ardente, guarda dos despojos mortais, telegramas e visitas de pesames. Ultimos retratos, embalsamento, como foi vestido o corpo, exposição pública durante três dias, o cáliz e a inscrição em latim; Tocante despedida da família, as flores e as principais cores e os nomes das pessoas que as enviaram; entrada do corpo à noite na igreja da Madalena de Paris; Juiz da imprensa, agressões; O governo francês dando honras imperiais ao corpo, convites para as exequias, ornatamento do templo, tropas que concorreram ao funeral, suas bandeiras e inscrições; O cortejo funebre, cerimônias, continências militares, mais de trezentas mil pessoas assistindo à partida do comboio, etc.

**Poi voulue.** É um livro de pensamentos e meditações católicas, escrito em 1896, mas só mencionado no público; desembrou-o depois, em benefício de vários livros, e principalmente de **Pensées Detachées**.

**A rainha Vitória** (por ocasião do jubileu da rainha Rainha), no "Jornal do Comércio" de 12 de Julho de 1897, ocupando 12 colunas.

**Discurso de inauguração da Academia Brasileira de Letras;** pronunciado na sessão de 20 de Julho de 1897.

Encontrar-se nos seguintes lugares:

- Boletim da Academia, n.º 1 (1897).
- Revista da Academia, n.º 1, pág. 523 (1897).
- Discursos Acadêmicos, vol. 1.
- Jornal de Nabuco — Discurso e Escritas 21-22-23-24.
- Autores e Letras, vol. 2º, pág. 53.

**Um Estadista do Império.** Nabuco de Araújo. Sua vida, suas opiniões, sua época. Tomo I, 1812-1856; Tomo II, 1857-1866; Tomo III, 1866-1878. — P. Gutiérrez. Rio, 1896. 414, 446 e 460 págs., dividido em três volumes com o retrato do Conselheiro Nabuco de Araújo.

**Um Estadista do Império.** Nabuco de Araújo. Sua vida, suas opiniões, sua época. Por seu filho Joaquim Nabuco. Nova edição completa em dois tomos e acrescida de um índice alfabetizado. Tomo primeiro, 1812-1856; Tomo segundo 1856-1879. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1936. 584 e 502 páginas. É grande com retratos do Conselheiro Nabuco de Araújo.

**Discurso** na sessão magna aniversária do Instituto

# BIBLIOGRAFIA DE JOAQUIM NABUCO

Histórico, realizada a 15 de Dezembro de 1898. Revisão do Instituto, LXI, 2º, 757.

**Centenário do Venerável Joseph de Anchieta.** — Allaud e Comp. Paris, Lisboa, 1900, 336 págs.

Três conferências do Arcebispo Francisco de Paula Rodrigues, Eduardo Prado, Brasílio Machado, Teodoro Sampaio, R. P. Américo de Novais S. J., João Monteiro, Couto de Magalhães, Conde Manoel Vicente da Silva e Joaquim Nabuco. A conferência de Joaquim Nabuco vai de págs. 321 a 340, e tem o título de: — **José de Anchieta. A significação nacional do Centenário Anchieta.** Foi escrita para ser lida no dia do Centenário.

**Minha Formação** — H. Garnier, Rio de Janeiro e Paris, 1900, 312 págs.

**Minha Formação. Edição uniforme das Obras de Joaquim Nabuco** — Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1943, X-285 págs.

**Joaquim Nabuco. Obras Completas. Minha Formação.** Instituto Progresso Editorial, São Paulo, 1947, 223 págs.

Estas **Obras Completas** são selecionadas e anotadas por Luiz Camilo de Oliveira Neto.

**Minha Formação.** Traducción de Justo Pastor Bernal. (Ministério de Relações Exteriores — Divisão de Cooperação Intelectual — Colección de Estudios Brasileños — 3). Rio de Janeiro, 1944. Imprensa Nacional, 204 págs.

**Escritos e Discursos Literários.** H. Garnier, Livreiro Editor, Rio de Janeiro, Paris, 1901, 302 págs.

**La Guerra del Paraguay. Versión castellana...** Garnier Hermanos, libreros-editores, Paris, 1901, 397 págs.

**Frontières du Brésil et de la Guyane Anglaise.** Question soumise à l'arbitrage de S.M. le Roi d'Italie. Premier Mémoire. Le Droit du Brésil. Présenté à Rome le 22 Février 1903 por Joaquim Nabuco, Envoyé Extraordinaire et Ministre Plénipotentiaire du Brésil en Mission Spéciale auprès da Sá Majesté le Roi d'Italia. Paris, A. Lahure, imprimeur, editor, 9 rue de Fleurus, 244 págs. e um mapa fora do texto.

**Fronteiras do Brasil e da Guiana Inglesa. Questão submetida ao arbitramento de S.M. o Rei da Itália.** Primeira memória brasileira, etc. — Paris, A. Lahure, editor, 1903.

Contém o original vernáculo da memoria anterior.

**Annexes du Premier Mémoire du Brésil.** Vol. I. Documentos d'origine portugaise. Texto português. Primeira série, 1903, 333 págs.

— Idem, idem — **Deuxième série.** 1903, 58 págs.

— Idem, idem — Vol. III — Traduction, Première série, 62 págs.

— Idem, idem — Vol. IV — Traduction deuxième série — 62 págs.

— Idem, idem; Vol. V. Documentos divers, Première série, 1903 — 38 págs.

— Question de Limites du Brésil et de la Guyane Anglaise, soumise à l'Arbitrage de S.M. le Roi d'Italie. *Atlas accompagnant le Premier Mémoire du Brésil.* Paris, Ducourtois et Huillard, graveurs-imprimeurs, 1903, 3 volumes.

— **Frontières du Brésil, etc.** Second Mémoire, Vol. I. La Prétention Anglaise Présenté à Rome le 26 Septembre 1903. Paris, A. Lahure et Cie., 344 págs. com mapas fora do texto.

— Fronteiras, etc., Second Mémoire, Vol. II. Notes sur la partie historique du Premier Mémoire Anglais, etc. Paris, 1903, 120 págs.; mapas fora do texto.

— Annexes du Second Mémoire du Brésil. Vol. I. Documentos fazendo parte au tome premier du Segundo Mémoire. Primeira série, 1903. Vol. II, second série. Período da neutralização do Território, 1903. Vol. III, 1903. 3 vols. de 224, 222 e 187 págs. Mapas fora do texto.

— Fronteira, etc., **Troisième Mémoire.** Vol. I. La Construction des Mémoires Anglaises. Présenté à Roma le 25 Fevereiro 1904. Paris, A. Lahure, 1904, 265 páginas.

— Vol. II — Histoire de la Zone contestée selon le Contrat-Mémoire Anglaise — Paris, 1904, 289 páginas.

— Vol. III. — Reproduction des Documents Anglais suivis de brèves observations, etc. Paris, 1904, 120 páginas.

— Vol. IV — Exposé Final, etc. Paris, 1904, 479 páginas.

**Pensées détachées et souvenirs** por Joaquim Nabuco. Paris, Librairie Hachette et Cie, 1906, 209 páginas.

Pensamentos soltos traduzidos do francês por Carolina Nabuco. Edição Uniforme das obras de Joaquim Nabuco. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1937, 245 páginas.



**Joaquim Nabuco, num dos seus numerosos retratos, traçados por Angelo Agostini.**

**Lincoln's World Influence. Remarks... at the Annual Banquet of the Lincoln Republican Club.** February 12th, 1906. E' um folheto.

**Scientific possibilities in Brazil. Remarks made by Mr. Joaquim Nabuco, ambassador from Brazil at the Third Annual Dinner of the Washington University Club on February 16th, 1907.** 6 páginas.

**Toast to President Roosevelt. Dinner at the Brazilian Embassy at Washington on the 18th of May, 1907, in honor Admiral Hué de Bacellar and the captains of the Brazilian ships on a visit to the Jamestown Exposition.**

**Lessons and prophecies of the Third Pan-American Conference. Address delivered by Mr. Joaquim Nabuco, ambassador from Brazil, before the Liberal Club of Buffalo on February 20, 1907 — 8 páginas.**

**The Spirit of Nationality in the History of Brazil.** Address delivered before the Spanish Club of Yale University, on the 15th May, 1908 — 14 páginas.

**The approach of the two Americas. Convocation Address delivered before the University of Chicago, August, 28, 1908.**

**Aproximação das Dois Américas — Revista Americana.** — Maio de 1910.

**Saint-Gaudens. Speech delivered by... at the Memorial Meeting of the American Institute of Architects at the Corcoran Gallery of Art. Washington, December, 15, 1908.**

**Address at the Laying of the Corner-Stone of the new building of the American Republics in Washington. May 11th, 1908.**

**The Place of Camões in Literature, by Joaquim Nabuco, Ambassador of Brazil. Address delivered before the students of Yale University on the 14th March, 1908, 26 páginas.**

**The restoration of National Government in Cuba... Havana, June 20th, 1908.**

**The share of America in Civilization. Wisconsin University, June 20th, 1908.**

**Parte da América na Civilização — Revista Americana — Ano I, n.º 11 — Outubro de 1909.**

**The Lusid as the Epic Love — Cornell University, April 22d, 1909.**

**Lincoln's Centenary.. Speech of... February 26, 1909.**

**Centenário de Lincoln — Revista Americana, ano I, n.º 5 — Fevereiro de 1910.**

Mr. Root and Peace. Speech... on February 26, 1909.

Dinner in honor of the Gridiron Club and Mr. J. C. Rodrigues, editor of the "Jornal do Comércio" of Rio de Janeiro, on May 6th, 1909.

**Camões, the Lyric Poet.** Address at Vassar College — April 21st, 1909.

**L'option — Livraria Hachette et Cie., 1910.** 88 páginas.

E' uma tragédia clássica em metro alexandrino. Foi composta na mocidade sob a emoção da guerra de 1870; mas ficou esquecida durante quase quarenta anos.

**Discursos e Conferências nos Estados Unidos.** Tradução do Inglês por Artur Bomilcar. Editor Benjamin Aguila — Rio de Janeiro. Impresso em Nova York.

O prefácio de Artur Bomilcar está datado de Nova York, Julho, 1911.

Encerra as seguintes conferências:

- O lugar de Camões na literatura.
- Camões, o poeta lírico.
- Os Lusíadas como a epopeia do Amor.
- A influência de Lincoln no mundo.
- Possibilidades científicas no Brasil.
- Bureau International das Repúblicas Americanas.
- O espírito de nacionalidade na História do Brasil.
- A aproximação das duas Américas.
- Saint-Gaudens.
- Restauração do Governo nacional de Cuba.
- O Centenário de Lincoln.
- Elihu Root e a paz.
- Gridiron Club.
- O Quinhão da América.

**Diário** — E' a anotação da a dia de suas impressões e da sua ideias, a data das dias da mocidade.

Nunca foi publicado na íntegra. Carolina Nabuco transcreve muitas de suas páginas, na *Vida de Joaquim Nabuco*.

Um soneto de Joaquim Nabuco — Almanaque Alves, pag. 130.

**Carta a Almeida Nogueira.** Vem no vol. 8º das *Traditions e Reminiscências*, pag. 1 e trata dessa obra.

**Graça Aranha — Machado de Assis e Joaquim Nabuco.** Comentários e notas à correspondência entre estes dois escritores. Monteiro Lobato e Cia. Editores. São Paulo, 1922, 268 páginas.

**Epistolário Acadêmico — Cartas de..., publicadas na Revista da Academia Brasileira de Letras nos seguintes nrs.**

- A José Verissimo (15) n. 114.
- A José Verissimo (16) n. 115.
- A Taunay (3) n. 115.
- A Graça Aranha (1) n. 115.
- A Rodrigo Octavio (5) n. 122.
- A Rodrigo Octavio (11) n. 123.

**Pages Choisies de... Traduit du Português por Victor Orban e Mathilde Pomes — Preface de Graci Aranha — Paris. Institut International de Coopération Intellectuelle. 1940.**

**Camões e assuntos americanos — Cia. Editora Nacional. São Paulo, 1940.**

**Correspondência de Joaquim Nabuco e João Ribeiro — "Autores e Livros". Vol. 2º (1942) pag. 60.**

**Publicações da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rui Barbosa, Joaquim Nabuco e os Jesuítas. Tríptice Centenário. Pontifícia Universidade Católica — Rio de Janeiro, 1945, 56 páginas. Encerra?**

— Nota preliminar.

- Discurso de Joaquim Nabuco no Centenário de Anchieta em 1897;
- Discurso de Rui Barbosa no Colégio Anchieta em 1903.

**Um discurso de Nabuco em Belo Horizonte — "Autores e Livros", Vol. 2º, pag. 74.**

**Joaquim Nabuco e a Paz na América.** Carta a El Diario de Buenos Aires em 1886. "Autores e Livros", vol. 2º pag. 78; Pensamento da América, vol. 1º pag. 17.

Em 1949 a Casa Jackson, do Rio de Janeiro, punha à venda as **Obras Completas** de Joaquim Nabuco, obedecendo ao seguinte plano:

- I — Minha Formação.
- II — Balmaceda — A Intervenção Estrangeira
- III — Um Estadista do Império — I
- IV — Um Estadista do Império — II
- V — Um Estadista do Império — III
- VI — Um Estadista do Império — IV
- VII — O Abolicionismo — Conferências e discursos Abolicionistas.
- VIII — O Direito de Brasil
- IX — Escritor e Discursos Literários — L'Option
- X — Pensamentos Solícios — Camões e Assuntos Americanos
- XI — Discursos Parlamentares
- XII — Culminâncias de Imprensa
- XIII — Cartas a Amigos — I
- XIV — Cartas a Amigos — II

## Um documento precioso para a história da questão da Guiana Inglesa

### Carta de Guilherme Ferreira a Graça Aranha

O documento que aqui publicamos, dando-lhe, para maior fidelidade, a reprodução familiar, é importantíssimo para todos os que desejarem estudar a posição de Joaquim Nabuco — e pois também a do Brasil — na questão que o nosso país teve com a Inglaterra, a propósito do território das Guianas. Foi divulgado pela primeira vez na conferência — Joaquim Nabuco e a República Brasileira — que o diretor de Autores e Livros pronunciou, em 23 do corrente, no Instituto dos Advogados. Veio publicada no *Jornal do Comércio* do dia seguinte.

Turin 2 Dic. 1907 — Via Leguano 28.

Mon cher ami.

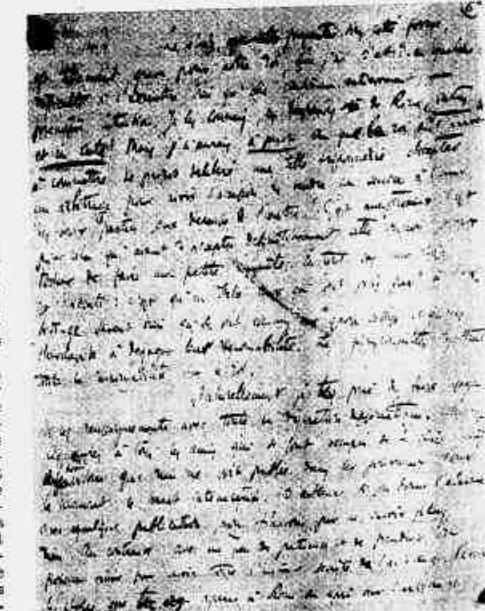
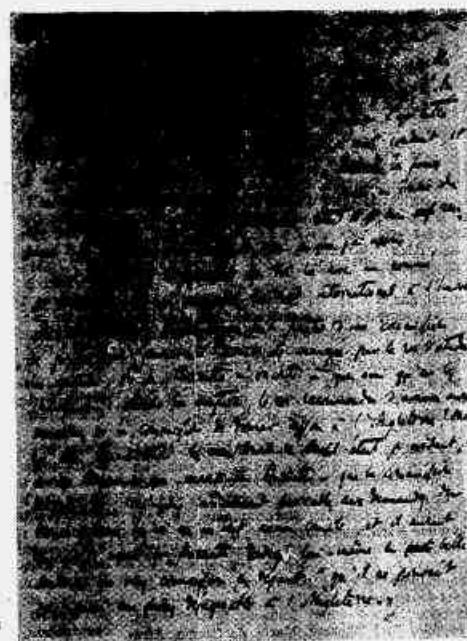
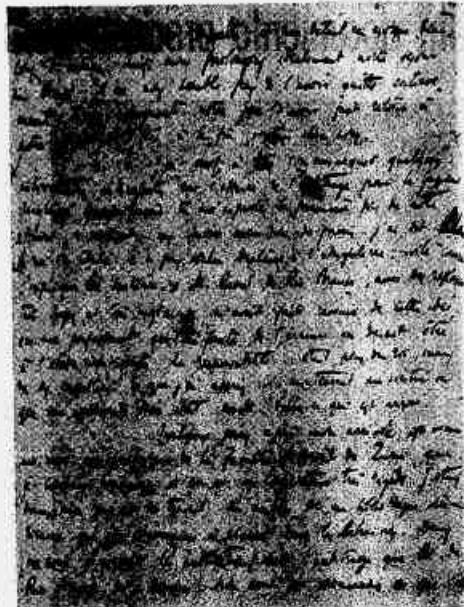
Je commence par introduire dans nos habitudes une nouveauté; je te tutoierai. Nous aurions, me semble, du le faire déjà à Rio; nous n'y avons pas; inaugurons donc le tu fraternel, comme dit Schiller, au de là de l'Atlantique.

Donc voilà deux semaines faites que nous sommes arrivés. Les caisses des livres ont été déballées et les livres rayonnent à leur place; la maison commence à rentrer dans son ordre habituel; les choses les plus urgentes sont faites. Dans quelques jours nous reprenons notre existence normale. Et débarrassé des premiers soucis de la reorganisation du foyer, je partirai demain pour Paris, où je vais passer une semaine. Mais je veux écrire, avant de partir, pour te donner les nouvelles de notre voyage et les premières nouvelles de l'arrivée.

La traversée, tout somme, n'a pas été trop mauvaise, quant à la mer. Ma femme a souffert, mais moins que dans le voyage d'aille, Mlle. Barnette aussi. Le petit et moi nous nous sommes au contraire très bien portés. Quant à la compagnie, M. Huet de Bacellar a été un excellent compagnon: de bonne humeur, de conversation agréable, très instruit, très aimable et très simple, tout à fait dans le style des Brésiliens sympathiques que nous avons connus à Rio. Malheureusement toute sa famille était malade; ce qui dérangeait un peu nos conversations, d'ailleurs très intéressantes.

Le voyage n'a pas eu d'incidents notables. A Gênes où nous sommes arrivés le 17 par une belle matinée d'automne, claire et froide, nous avons trouvé M. et Mme. Lombroso. Nous sommes restés à Gênes que quelques heures; le 17 Novembre, à 8 heures du soir, nous étions à Turin. J'y ai trouvé un froid, pour moi d'autant plus désagréable, que je m'étais très volontiers adapté à la tièdeur du climat brésilien. Et j'y ai trouvé tout le monde très curieux de savoir les détails de notre voyage, ce que nous avons vu...

En effet depuis quinze jours nous ne faisons que raconter du matin au soir l'histoire de notre voyage, montrer les cadeaux, répondre aux questions infinies qu'on nous pose. J'aurai au moins déjà décrit cent fois la baie de Rio. Inutile que je vous dise que le Brésil occupe une bonne place dans ces narrations. Nous avons écrit déjà plusieurs fois aux intellectuels turinois tout le monde de l'Académie Brésilienne, ses personnages principaux et notamment M. Machado de Assis, M. Verissimo et vous; nous





# DOCUMENTÁRIO CA SIMIRO DE ABREU

## CARTAS DE HORÁCIO JOSÉ MARQUES DE ABREU A NILO BRUZZI

Vitória, 11 de maio de 1949.  
Prezado Nilo Bruszi.

Cordais saudares,

E com o mais vivo interesse que venho acompanhando sua obra "Casimiro de Abreu", meu tio avô, portanto parente cujo não muito remoto do dore e meigo Casimiro. Muito contente fiquei por ter reabilitado a memória do meu bisavô, José Joaquim, que, apesar de argentino, era mais que um pai, era uma mãe, pois que o nosso doce e meigo Casimiro, não n'a teve, fatalmente esse que persegue os Marques de Abreu, segundo a opinião de meu tio, o segundo José Joaquim. Se só dignar de responder-me, poderei ajudá-lo em alguma coisa; desde já vou lhe pedir que pesquise o parágrafo de quatro cartas e do anexo retrato do poeta que a família possuía, cartas e retrato que o herdeiro destas linhas teve em mãos no já tão distante ano de 1916; porém, para quem descobrir ato o número do passaporte do meu bisavô, seu nome será tarefa impensável. Quando vi essas cartas fiquei muito aborrotado, pedi-as ao meu tio, o segundo Casimiro, por meiajá dali-las à Academia, porém meu tio, alegando a minha baixa idade, descurou-me que aquelas relíquias viriam fatalmente às nossas mãos, pois o meu pai deixou dezenas de cartas; porém, com o falecimento desse meu tio, tornou-se seu herdeiro universal um seu compadre, corretor, ou' coisa que o valha, de café, chamado não sei o que Pipa de Mesquita. Quanto ao remanescente da fortuna do Marques de Abreu, expõe-se com o falecimento de minha avó, Maria Joaquina, que aqui legou à Igreja em forma de missas, de formas que a quinta dos Carvalhos foi vendida em leilão para pagamento das referidas missas, visto que a trabalha avô não se esqueceu

do mais remoto parente, assim sendo o signatário da presente só morre tem direito de entrar no Céu de sapatos e tudo.

(a) Horácio José Marques de Abreu.

Vitória, 6 de junho de 1949.  
Amigo Nilo Bruszi.

Um forte abraço.

Acuso sua carta de 21-5-49, que procurei responder. Antes de mais nada quero que o amigo me perdoe a heresia de não me ter ainda referido no final poeta de "União", isto, talvez, por ter ficado empolgado com a minuciosa e erudita biografia do "nosso Casimiro".

Tudo o que posso dizer é o seguinte: para escrever sobre um poeta, só mesmo outro poeta, e poeta de rara sensibilidade como o amigo. Fechemos o íntroito e passemos ao questionário proposto na sua carta, que responderei.

1.º — José Joaquim (Juca) viveu até no Rio, uma eternidade, voltou a Portugal para tratar da anulação do testamento de nossa avó Maria Joaquina e lá faleceu, velado de desgostos, por não conseguir a justiça de lá, então de braços dados com os representantes da nossa Santa Madre Igreja. A conversa, ouvi dele aqui em nossa casa em Vitória.

2.º — Júlio, este nunca veio ao Brasil, ficou sempre em Portugal como administrador da Casa dos Carvalhos, em Vila Nova da Família, Porto.

3.º — Francisco (Chico) — o Joaquim Silvério da Família, — pois preferiu ficar ao lado dos padres, por questão de claudicada com o meu tio Juca; morreu, também em Portugal. Carlos — o Benjamin da família, morreu na África, não me escrindo, agora, se em Moçambique ou em Angola. Maria Amélia, essa nunca saiu de Portugal, lá

brego, na expressão do meu tio Juca (José Joaquim), no ocasião dos Marques de Abreu, dela nunca mais tivemos notícias, não sei se já faleceu, creio que sim. Também o tio Carlos teve uma filha multatinha, pudera, portuguesa na África, que veio ser educada em Portugal. Também deixamos de ter notícias, o que cessou de todo após a morte de meu pai em 1937, 22 de outubro.

Amigo Nilo, se nas minhas cartas encontrar alguma achega para "Casimiro de Abreu", autorizo-lhe a dar-lhe divulgação.

— Sem mais, amigo e admirador  
(a) Horácio José Marques de Abreu.

Vitória, 22 de junho de 1949.  
Prestado amigo Nilo Bruszi.

Cordais saudares.

Devido ao maldito restrinido que me acometeu, não pode, como aspirava, comparecer ao nosso costumeiro colóquio da praia, tampouco levar ao amigo o meu abraço de despedida. Com referência à biografia do poeta do "amor e da saudade" que, o amigo com erudição, paciência e honestidade traçou, nela reabilitando a memória do meu bisavô José Joaquim, tão injustamente julgado pelos biógrafos apressados do mais brasileiro dos poetas brasileiros — o nosso Casimiro — nadia teria a adiantar, pois com ela estou de pleno acordo, se não fôr a atitude da Academia Fluminense de Letras, que abandonou o poeta para fazer a defesa de HOMEM, desfesa essa que compete a seus parentes fazer, caso exagerassem na referida biografia uma ofensa; pelo contrário, o que vi foi a reabilitação do velho José Joaquim. Se tivesse visto ofensa, como parente próximo do poeta, uniria ao protesto da Academia o meu, embora des-

galoso. Mas acontece que não houve ofensa alguma por parte do seu biógrafo, por quanto tal dita a verdade, não só que eu já sabia, através da tradição oral de minha família, como também em documentos fiduciários e irretorquíveis.

Porque a Academia Fluminense não procurou dar ao poeta Casimiro a posição universal que lhe foi dada em seu trabalho? Deixou-o quase um século como o rapazinho virgem da vila da Barra de São João, sempre surrado pelo pai, e fazendo versos atrás de um imaginário balaio. Vem o amigo e diz: — Ele não era nem o moço, sempre cheirando a água de flores de laranjeira, nem o poeta regional que Academia Fluminense de Letras sempre alegrou. É um homem em cujo estojo escondeu uma nação. É o poeta universal do Brasil eterno. Que maior consagração poderia ter tido um poeta? Sua biografia do nosso Casimiro

### UM DOCUMENTO

(Continuação da página 130)  
relevé? Je le lui ai demandé, et voici ce que j'ai appris:

Ce professeur est très lié avec un nommé M. Buzzatti, qui est professeur de droit international à l'Université de Pavie. M. Buzzatti a fait partie d'une commission de juristes qui, paraît-il, avait été chargée par le roi d'étudier la question. Et M. Buzzatti a raconté à mon ami qu'en les chargeant d'étudier la question, le roi recommanda d'avance aux membres de la commission de donner raison à l'Angleterre! Malgré cette recommandation, le droit du Brésil était évident, — c'est toujours ce que raconte M. Buzzatti — que la commission adopta des conclusions entièrement favorables aux demandes du Brésil. Mais le roi n'en tint aucun compte et il aurait, toujours d'après M. Buzzatti, redigé lui même la belle sentence que nous connaissons, en disant qu'il ne pouvait pas faire une chose désagréable à l'Angleterre!

La chose présentée sous cette forme est tellement grave pour notre roi que j'ai d'abord eu quelque difficulté à l'admettre, bien qu'elle confirme entièrement ma première intuition. Je les connais les messieurs de Rome, inter et in cœ! Mais je n'aurais a priori cru que le roi put arriver à commettre de propos délibérément telle friponnerie. Accepter un arbitrage pour avoir l'occasion de rendre un service à l'une des deux parties au dépense de l'autre! C'est monstrueux. C'est pour cela qu'avant d'accepter définitivement cette version je veux tâcher de faire une petite enquête. En tout cas une chose est évidente: c'est qu'en Italie ceux qui ont pris part à l'arbitrage savent bien qu'ils ont commis une grande sottise et qu'ils cherchent à dégager leur

### PRECIOSO PARA...

responsabilité. Les juristes rejettent toute la responsabilité sur le roi.

Naturellement je le prie de faire usage de ces renseignements avec toute la discréption diplomatique. Communique-les à tous les amis que se sont occupés de la chose; mais il faut avoir soin que rien ne soit publié dans les journaux. Pour le moment, ce serait intempestif. D'ailleurs si on donne l'alarme avec quelque publication, nous finirons par ne savoir plus rien. Au contraire, avec un peu de patience et de prudence on pourra tirer par savoir toute l'histoire secrète de l'arbitrage. Parmi les choses que tu as appris à Rome ou après l'arbitrage, y en a-t-il qui confirmeraient ou démentiraient le récit de M. Buzzatti? M. Nabuco aussi peut-être pourrait donner quelque lumière sur ce point.

Mais je m'aperçois que la lettre est déjà assez longue. Je terminerai en te chargeant de nous rappeler moi et ma femme au souvenir de tous les amis de Rio, de M. Machado, de M. Verissimo, de M. Souza Bandeira, de M. de Almeida, de M. de Alencar — et un mot de toute l'Académie. Tu es prié de dire à tous, encore une fois, que nous gardons le plus charmant souvenir de toutes les amabilités dont tu nous ont comblés. — que nous espérons les voir tous, à peu à peu, en Europe; et que quand ils viendront nous trouver, ils s'apercevront que nous ne les avons pas oubliés.

Je te prie de saluer d'une manière tout spéciale M. de Rio Branco, qui devrait à cette heure avoir reçu l'œuvre d'art de M. Ristof, que nous lui avions destiné. Je te prie enfin de me rappeler au souvenir de Mme. Graça Aranha, que ma femme salut très amicalement. Avec une cordiale poignée de main — (a) — Guglielmo Ferriro."

### PENSAMENTOS DE JOAQUIM NABUCO

Croire, c'est se donner entièrement (P. 7).

Le mystère ne retrecte pas l'horizon, il l'élargit (P. 30).

A la fin de tout, si Dieu n'existe pas, la religion aurait eu un rôle, si possible encore plus beau, car elle en aurait tenu lieu (P. 49).

Priez, quand vous composez. Il y a des sons au clavier humain que seul Dieu peut tener (P. 57).

## AÇÚCAR DIAMANTE

O MAIS PURO  
O MAIS ALVO  
O MAIS SECO

DISTRIBUIDORES EM TODO O BRASIL:

Companhia Geral de Melhoramentos  
em Pernambuco

ESCRITÓRIO: RUA DO BRUM, 85 — CAIXA POSTAL 257  
RECIFE

INSCRIÇÃO N.º 64 — RIO FORMOSO  
PERNAMBUCO

# AS COMEMORAÇÕES PERNAMBUCANAS A JOAQUIM NABUCO

(Continuação da página 129)

deu um pavilhão. Ao entrarmos na praça desparamos com um espetáculo maravilhoso. Ela estava repleta. Gente de todas as classes sociais. Havia representantes das associações de classe, de todos os sindicatos operários, alunos dos colégios dos grupos escolares, todas as autoridades do governo, representantes das entidades culturais, enfim, pode-se dizer que ali estava representado todo o povo de Recife.

Iniciou a cerimônia o dr. Otávio Correia, presidente da Assembleia Estadual, fazendo uma rápida alocução. Sucederam-se então, os inúmeros oradores. Primeiro o dr. Silvio Rabelo, secretário da Educação e Cultura, depois o dr. Francisco Vera, o padre Arnaldo de Souza, e muitos outros.

— "Nesses, e nos outros discursos, qual a frição qual o angústo da personalidade de Nabuco mais fala?"

Sem dúvida alguma, a do abolicionista, por ser aquela que está mais ligada à sua gente, à sua terra, e que o notabilizou diante do povo e diante da História. Outros angústios de igual valor, mas escondidos, mais sutis, e por isso menos evidentes aos olhos do novo leitor: estudos em suas conferências, nos salões literários, nas grandes feiras de cultura, nas palestras, nos debates, no grande traço de união de Nabuco com o povo e o abolicionismo. Neste sentido, tive ocasião de verificá-lo com alegria como está viva a sua memória no coração do povo, mesmo do povo analfabeto, que guarda esse carinho de geração em geração. Foi essa revelação que mais me emocionou.

— Sei que houve, à noite, uma sessão solene no Teatro Santa Isabel, não?

— Foi um espetáculo igual aos outros em beleza e entusiasmo. O teatro fôrto todo decorado. A iluminação, intensa e bellissima.

Como nas comemorações anteriores, não havia um só lugar. O teatro estava superlotado. Sem mencionar as autoridades que tinham estado conosco durante a tarde. Lá se encontravam os professores da Faculdade do Recife, os deputados da Assembleia Esta-

dual, os representantes do clero e da magistratura, etc. O primeiro a falar foi o Ministro Clemente Mariani, que fez uma conferência longa, minuciosamente estudada e amplamente documentada, tratando da influência italiana na formação de Joaquim Nabuco. Em seguida falou minha irmã Carolina, agradecendo ao povo de Pernambuco por todas aquelas homenagens ao nosso pai. Encerrou a sessão o Governador Dr. Barbosa Lima Sobrinho, que fez uma curta, porém belíssima oração. O povo a todos ouviu com atenção e aplaudiu com entusiasmo. Foi uma noite memorável.

— E não muito diferente das sessões do século passado, dos grandes triunfos de Nabuco. Representou mais um triunfo seu, o mais raro o mais difícil: o triunfo sobre o tempo. Mais voltando às comemorações, e que houve na dia seguinte?

— Foi um dia igualmente cheio. O governador nos ofereceu um almoço no jardim zoobotânico de Dois Irmãos, que transcorreu em ambiente de animação e satisfação. De lá fomos direitos para a Academia de Direito, ouvir a conferência de Raoul D'Elia, nosso célebre cultural nos Estados Unidos.

A noite, pela primeira vez depois de 21 anos, o Palácio das Princesas abriu as suas portas para uma recepção à sociedade pernambucana, seguida de um baile de gala.

Estava tudo muito bonito, e se há alguma coisa a ressaltar era a beleza de todas as coisas. O prédio do palácio, a ornamentação luxuosa, as moças pernambucanas. Foi um fecho de ouro para aquela semana maravilhosa, que constituiu uma das maiores alegrias que já tive na vida. Com satisfação verifiquei estar certo quando fiz questão de que todos os meus filhos assistissem às comemorações. Ficará o exemplo do avô gravado na alma deles e também de como o povo de uma terra sabe retribuir os serviços e o amor daqueles que a amaram.

— Quer dizer que encerraram-se assim, as comemorações do centenário?

Para mim, pois meus irmãos, que ficaram mais

dias em Pernambuco (viemos em três grupos separados; ainda foram, no domingo até Nazaré, o distrito meu pai, deputado em 1882, por terem os seus adversários, num gesto de elegância, abandonado as suas candidaturas para dar passagem à sua. Se a ida a Arco-Verde, que era uma região afastada, nada tendo a ver com a eleição de meu pai, tanto mais emocionante, imagine o que não deve ter sido em Nazaré, onde a população é toda constituída pelos filhos daquelas que o elegeram!

Realmente, falando devemos com o embalhador Maurício Nabuco, tive a confirmação de tal opinião. Pois ele me contou, que naquele dia tivera a maior impressão da sua vida. A saída do hotel, de onde costumava falar Joaquim Nabuco, estava toda coberta de flores. Daí se divisava toda a praça, onde estava em aclamações, virtualmente, toda a população da cidade. Deve ter sido um espetáculo realmente emocionante!

— D. Carolina e Dr. Maurício ainda tiveram ocasião de presenciar mais alguma coisa?

— Compareceram ainda a uma homenagem no clube das Pás, o tradicional clube carnavalesco do velho e do novo Recife. É interessante ressaltar este fato, um clube popular, tomando a iniciativa de um preito de tal ordem. O povo das ruas quer ter também a iniciativa de uma homenagem a Joaquim Nabuco. Pelo que este nome é um dos seus patrimônios.

Quando descia a rua Icatu, as festas, cerimônias e discussões a tumultuarem-me a cabeça, intimamente agradeci ao Dr. José Nabuco pela expedição que me fizera. Inexplicavelmente eu me sentia mais aproximado da pessoa de Joaquim Nabuco, pois percebera, por detrás da figura imponente das comemorações de História do Brasil, um pouco da imagem humana, mais íntima e mais querida quando, raramente, a sentimos nos grandes homens.

## Documentário Casimiro de Abreu

defeitos e qualidades, e Ele tinha os dois em abundância e, por isso, ainda hoje é o poeta que é.

Nego, pois, à Academia Fluminense de Letras o direito de exercer as muitas atribuições familiares. Ela que defende o poeta e deixa a mim a defesa do cidadão. No dia em que se levantar uma calunia contra este, eu saberé defendê-lo. No dia em que disserem que o poeta não presta, ela que o defende provando o contrário, como o amigo fêz muito antes dela, no seu justo trabalho. Dizer que uma vida irregular prejudica a sinceridade poética, é de um provincialismo atrasado e revela ignorância das biografias de Byron, Verlaine, Wilde e muitos outros que, apesar de uma intimidade torpe, legaram os posteriores uma obra poética maravilhosa.

Fique, pois, tranquilo porque o seu trabalho está verdadeiramente e indestrutivel.

Sem mais, firma-se o amigo, patriótico e admirador

(a) Horácio José Marques de Abreu.

— Vitoria, 11 de agosto de 1949  
Caro Niô:

Antes de mais nada, um grande e forte abraço daqueles capazes de curar o mais rebelde reumatismo e acordar um catáleptico que dormia há 90 anos, o sono da mais candida inocência. Passel os olhos na apoteose que a Academia Fluminense fêz ao nosso Casimiro em represália à sua erudita justa e humana biografia do Cantor do Amor e da Saudade. Aqui fôrás, a coisa podia ter sido um pouco melhor, mas assim assim, poiso o poeta, com aplauso ou não da Academia, estava de há muito consagrado aqui e além-mar, donde se fala o idioma do velho Cambes. Para mim, conforme já lhe tenho feito sentir, a tua obra teve um grande mérito, mesmo de reabilitar a memória do meu bisavo, o velho José Joaquim, double de pai e mãe de nosso poeta, tão injustamente atacado pelos biógrafos apressados do nosso Casimiro.

Sem mais um grande abraço do seu coração

(a) Horácio

## Notícia sobre Joaquim Nabuco

(Continuação da página 121)  
que Rui Barbosa ia pela mesma Federação: enquanto na Idéia até a república.

Vê, em 13 de Maio de 1883, o avô fôrce da mais bela dos seus anhos: a lei da Abolição. Achava feliz e, arrebatado numa onda de gratidão pela Princesa Isabel, que assinara a magna lei, pelo rei, que permitira à filha ter esse gesto sente-a um devotado cada vez mais sincero à causa da Monarquia. Compreende, é bem verdade, que a história tem um curso fatal, e que, em princípio, os ideais que pregavam os republicanos caminhavam com uma força irresistível... Mas admite isso apenas em princípio... No terreno da realidade continuava naquele mesmo ponto de vista de suas reflexões anteriores — não chegando a desposar a idéia da mudança do regime, como o fêz Rui...

Em 23 de abril de 1889 contraiu matrimônio com D. Evelina Torres Soares Ribeiro, filha de José Antônio Soares Ribeiro o Barão de Inohan; e, deixando o lado os assuntos políticos, virou-se para o seu pitoresco roçante de Paquetá, onde se culinaria sua felicidade. E ali

que, certo dia de Novembro, recebeu das labios de seu antigo mestre e amigo o Barão de Taubaté a notícia de que havia sido proclamada a República no Brasil. Deliberou permanecer a margem dos acontecimentos, albeando-se e de tanto quanto possível. Os pernambucanos ofereceram-lhe uma oportunidade de eleição, para a Constituinte Republicana, porém ele recusa. Recusa outras comissões que lhe são oferecidas pelo novo regime. Passa a viver dos ordinários que lhe dão sua atividade jornalística. Dirige o Jornal do Brasil, colabora no Comércio de São Paulo, no Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro. E volta a ser advogado, abrindo o seu escritório com João Alfredo. Mas, como esse escritório se tornara o ponto de encontro dos monarquistas e tinha ficado suspeito às autoridades policiais, Nabuco o fechou. Sua ponte de predileção passa a ser a "Revista Brasileira", da qual virá a nascer, pelos esforços de Lucio de Mendonça, Machado de Assis, José Verissimo e o próprio Nabuco, a Academia Brasileira de Paquetá, onde se culinaria sua felicidade.

O Brasil, porém, não podia dispensar os serviços de um homem da sua superioridade espiritual e cultural. E Campes Sales conseguiu movê-lo a aceitar o cargo de nosso advogado na causa que tínhamos com Inglaterra, a respeito dos limites da Guiana Inglesa na região do Pirara. Sabe-se o quanto foi injúria a solução que o árbitro Victor Emmanuel da Itália deu a esse pleito.

Nabuco passou, depois, a ser o nosso representante em Londres, e logo após (1905) o nosso embaixador em Washington. Na capital da grande república do Norte, teve uma situação privilegiada, alcançando um prestígio que raros diplomatas ali terão desfrutado. Em 1906 veio ao Rio, para presidir, de julho a agosto, à Terceira Conferência Pan-American. Em sua campanha dirigiu os trabalhos dessa conferência o secretário de Estado norte americano Elihu Root. Sua atuação, o idealismo de suas palavras, a sabedoria de seus conceitos, tudo isso já fazia entrever o desenvolver ulterior da política do nosso continente, e como que anunciativa a hora intensamente americanista, que que estamos vivendo hoje.

Acentua-se, cada vez mais a sua surdez. Nabuco tendo caído vez mais à religião. A esse tempo, traz sempre o rosário no bolso. Quando está só, repete a "Salve Rainha", o "Ato de Contrição". A sua religião é "uma fonte parena de alegria. Quando vai para Washington, como embaixador, manteve lá, como já mantivera em Londres, o mesmo espírito quasi de misticismo.

Ao lado disso, porém, tem um grande prestígio em todos os salões. Sua beleza varonil e celebrada e admirada por todos. Conta-se que os condutores de ônibus, quando passam diante da Embaixada, avisam os excursionistas que ali mora o embaixador Nabuco, o mais belo dos homens dos Estados Unidos.

Em 1909, fêz ele, em caráter oficial, uma viagem a Havana, para assistir a restauração do governo nacional da Cuba. Nesse mesmo ano, assinou em Washington várias convenções de Arbitramento com os Estados Unidos, Panamá, Equador, Costa Rica e Cuba.

Faleceu em Washington em 17 de janeiro de 1910, vítima de uma hemorragia cerebral. Seus últimos tempos fo-

## AUTORES E LIVROS

Propriedade de MUNICIO CARNEIRO LEAO

### ASSINATURAS

|                                   |            |
|-----------------------------------|------------|
| Assinatura anual com registro     | Crs 45,00  |
| FASCÍCULOS AVULSOS:               |            |
| Dos volumes da 1ª fase (I a VIII) | Crs 50,00  |
| Do volume IX                      | Crs 5,00   |
| Do volume X                       | Crs 4,00   |
| Brochura do volume IX             | Crs 100,00 |

### Endereço:

Rua Fernando Mendes, 7-12.º and. — 37-9527

### RIO DE JANEIRO, BRASIL

Distribuidor para todo o Brasil: Leônidas Lacerda Praça Marechal Floriano, 55 - 1º andar. Fone: 42-5825

Impresso nas oficinas da Editora Mory Lida.

As assinaturas podem ser tomadas nos seguintes pontos (além da redação):

— Avenida Almirante Barroso nº 72, 10º andar — Fone: 21-9981, ramal 8. Tratar com o Sr. João Pinheiro Neto.

— Av. Rio Branco, 4-18.º andar — Fone: 23-1931. Tratar com Eurico Cardoso.

— Faculdade Nacional de Filosofia — 4º andar. Tratar com Artur Farias.